



CONTRATO Nº 48000.003155/2007-17: DESENVOLVIMENTO DE ESTUDOS PARA
ELABORAÇÃO DO PLANO DUODECENAL (2010 - 2030) DE GEOLOGIA,
MINERAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO MINERAL

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA - MME

SECRETARIA DE GEOLOGIA, MINERAÇÃO E
TRANSFORMAÇÃO MINERAL - SGM

BANCO MUNDIAL

BANCO INTERNACIONAL PARA A RECONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO - BIRD

PRODUTO 01

**A Economia Brasileira e Mundial; O Setores Mineral Brasileiro e Mundial
e suas Perspectivas de Evolução a Longo Prazo**

Relatório Técnico 03

**Perspectivas de evolução das trocas setoriais entre as economias
brasileira e mundial a médio e longo prazos**

CONSULTOR

Eduardo Vale Gomes da Silva

PROJETO ESTAL

PROJETO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO SETOR DE ENERGIA

JUNHO de 2009

SUMÁRIO

1. Sumário Executivo.....	5
2. Conclusões	6
3. Recomendações.....	6
4. Transações Comerciais do Brasil com o Resto do Mundo	7
4.1. Panorama do Comércio Mundial: 2000-2008.....	7
AUMENTOS NOS PREÇOS DAS MERCADORIAS	8
<i>AUMENTO PERCENTUAL</i>	8
ILUSTRAÇÃO 1	8
4.2. Panorama das Exportações Brasileiras	13
4.3. Exportações de Bens Minerais.....	19
4.4. Panorama das Importações Brasileiras	20
4.5. Importações de Bens Minerais.....	27
5. Tendências do Comércio Internacional	28
6. Perspectivas das Trocas Comerciais do Brasil com o Resto do Mundo.....	31
6.1. Agronegócio.....	32
6.2. Mineral Negócio	33
6.3. Petróleo e Derivados	33
6.4. Indústria Automotiva	34
6.5. Exportações de Serviços	34
6.6. Influência da China	34
7. Referências Bibliográficas	36

RELAÇÃO DE ILUSTRAÇÕES

1. AUMENTOS NOS PREÇOS DAS MERCADORIAS	8
2. COMPORTAMENTO DO PIB E DO COMÉRCIO MUNDIAL	9
3. COMÉRCIO DE MERCADORIAS E SERVIÇOS	10
4. EXPORTAÇÕES MUNDIAIS DE MERCADORIAS E SERVIÇOS	10
5. PERFIL REGIONAL DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS: 2005	12
6. EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES: 1971-2008	13
7. EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES: 1997-2008	14
8. PERFIL DAS EXPORTAÇÕES EM 2008	15
9. PERFIL DAS EXPORTAÇÕES POR PRODUTOS: 1971-1980	16
10. PERFIL DAS EXPORTAÇÕES POR PRODUTOS: 2001-2008	16
11. PERFIL DAS EXPORTAÇÕES POR REGIÕES: 1971-1980	17
12. PERFIL DAS EXPORTAÇÕES REGIÕES: 2001-2008	18
13. PERFIL DAS EXPORTAÇÕES MINERAIS POR CLASSES: 2007	19
14. EXPORTAÇÕES DE BENS MINERAIS: US\$ BILHÕES	20
15. EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES: 1971-2008	21
16. EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES: 1997-2008	21
17. PARTICIPAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES NO PIB: 1997-2008	22
18. PERFIL DAS IMPORTAÇÕES POR CATEGORIAS: 2008	23
19. PERFIL DAS IMPORTAÇÕES POR PRODUTOS: 1971-1980	24
20. PERFIL DAS IMPORTAÇÕES POR PRODUTOS: 2001	24
21. PERFIL DAS IMPORTAÇÕES POR REGIÕES: 1971	25
22. PERFIL DAS IMPORTAÇÕES POR REGIÕES: 2001	26
23. PERFIL DAS IMPORTAÇÕES MINERAIS POR CLASSES	27
24. IMPORTAÇÕES DE BENS MINERAIS	27
25. EVOLUÇÃO DA RELAÇÃO EXPORTAÇÕES / PIB	31

RELAÇÃO DE TABELAS

1. EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DE MERCADORIAS: 2001-2007	12
2. PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS – 2008	15
3. PRINCIPAIS PAÍSES COMPRADORES: 2008	18
4. PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS – 2008	23
5. PRINCIPAIS PAÍSES FORNECEDORES: 2008	26
6. AGRONEGÓCIO - PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NO COMÉRCIO GLOBAL	33

1. Sumário Executivo

- O presente relatório tem como objetivo oferecer uma visão geral das perspectivas de evolução das trocas comerciais entre o Brasil e o Resto de Mundo tendo como referencial o horizonte 2030;
- O período 2002-2007 ficou caracterizado pela expansão significativa do PIB Mundial. Grande parte desse crescimento foi induzido pelo maior dinamismo econômico dos países emergentes em relação aos países desenvolvidos. Em 2008, a economia global desacelerou e, ao final do ano, os principais países desenvolvidos estavam em recessão. O consenso é de que se trata da crise financeira e econômica mais intensa desde a Grande Depressão com impactos severos nos fluxos mundiais de comércio e de IED, entre outros agregados relevantes;
- No período 1971-2008, as exportações brasileiras apresentaram uma taxa média anual de crescimento ao redor de 11,8%. Para o período 2002-2008, essa taxa aumenta para 28,1% por força dos aumentos de preços dos bens primários. Em termos relativos, a comparação do desempenho das exportações brasileiras no contexto das exportações mundiais indica que, em 2007, o Brasil ocupava a 23ª colocação com uma participação relativa de apenas 1,16%. Em nível de produtos, destacaram-se: petróleo e combustíveis, produtos metalúrgicos, minérios, soja, carnes e produtos químicos, os quais, conjuntamente, responderam por 67% do total exportado. Quanto aos mercados de destino, os destaques para 2008 foram: América Latina (25,9%), União Européia (23,4%), Ásia (18,9%) e Estados Unidos (14,0%). Com relação às exportações minerais representaram 29% do total exportado. Os bens minerais primários de expressão na pauta foram: minério de ferro, petróleo, rochas ornamentais, cobre, caulim, bauxita e manganês;
- No período 1971-2008, as importações brasileiras apresentaram uma taxa média anual de crescimento ao redor de 11,0%. Em termos relativos, a participação das importações brasileiras nas importações mundiais indica que, em 2007, o País ocupava a 27ª colocação com apenas 0,89%. Em nível de produtos, destacaram-se: máquinas, produtos químicos, combustíveis, material de transportes e produtos de origem animal e vegetal que, conjuntamente, responderam por 84%. Quanto aos mercados de origem, os destaques para 2008 foram: Ásia (27,2%), União Européia (20,9%), América Latina (16,5%), Estados Unidos (14,9%) e África (9,1%). Com relação às importações minerais representaram 31% do total importado. Os bens minerais primários de expressão na pauta foram: petróleo, carvão, potássio, cobre, molibdênio, enxofre, zinco, fosfato e zircônio;
- Em nível de tendências do comércio internacional, vários indicadores sugerem que a recessão alcançou o fundo do poço. De um modo geral, as principais entidades internacionais compartilham da mesma visão, ou seja, de que o processo de recuperação deverá ocorrer ao longo do primeiro semestre de 2010. Direcionando o foco para o longo prazo, cabe mencionar os seguintes aspectos e tendências que deverão influenciar o comércio internacional no horizonte de 2030:
 - ✓ Conclusão da Rodada de Doha;
 - ✓ Acordos sobre alterações climáticas e controle de emissões;
 - ✓ Importância crescente do processo de certificação para os produtos de exportação;
 - ✓ Mudanças na regulação no sistema financeiro internacional;
 - ✓ Perda de importância do dólar como moeda de referência internacional;
 - ✓ Crescimento demográfico;
 - ✓ Alterações no fluxo migratório;
 - ✓ Aumento da importância dos países emergentes na produção e no comércio;
 - ✓ Incremento no comércio Sul-Sul;
 - ✓ Crescente afluência das multinacionais emergentes;
 - ✓ Aprofundamento do processo de consolidação dos setores econômicos;
 - ✓ Aumento da importância da América Latina enquanto destino dos investimentos externos; e
 - ✓ Crescente importância da China para a produção e no comércio mundiais.

- No que diz respeito às transações comerciais do Brasil com o Resto do Mundo, as melhores perspectivas para as exportações no horizonte 2010-2030 estão associadas aos seguintes setores: agronegócio (soja, milho, trigo, carnes, etanol, farelo de soja, óleo de soja e leite), mineral-negócio (minério de ferro, petróleo e derivados, produtos siderúrgicos, cobre, níquel, caulim, bauxita, alumina, alumínio, ouro, nióbio, manganês), indústria automotiva, indústria petroquímica, indústria aeronáutica e exportação de serviços de engenharia. Do lado das importações, além dos produtos que atualmente compõem a pauta, espera-se o aumento dos bens manufaturados de origem chinesa.

2. Conclusões

- A participação do intercâmbio comercial no PIB é baixa e não condiz com a dimensão e com as necessidades da economia nacional. Nesse sentido, a economia brasileira pode ser classificada como relativamente fechada;
- O maior dinamismo das exportações do Brasil em relação ao Resto do Mundo, observado nos últimos anos, esteve apoiado fundamentalmente nos produtos primários originários do agronegócio e do mineral-negócio. Esse desempenho deverá perdurar ao longo do horizonte do estudo por força da demanda asiática;
- A despeito do potencial do agronegócio e do mineral-negócio, os constrangimentos e restrições fundamentais ao investimento produtivo, de ordem tributária, burocrático-administrativa, ambiental e de infra-estrutura e logística, continuará a inibir os investimentos e a provocar um hiato expressivo frente ao PIB Potencial;
- No segmento de bens manufaturados, o Brasil deverá perder participação no comércio internacional caso não sejam mitigadas as restrições que comprometem o aumento da competitividade da indústria nacional;
- A importância da China nas relações comerciais do Brasil com o Resto do Mundo, seja como comprador ou como fornecedor, será crescente na medida em que sua participação no PIB Mundial e no comércio internacional aumentarem;
- As exportações de serviços de engenharia, poderão representar importante vetor para expansão das exportações nacionais de bens de capital, de tecnologia, assim como de outros serviços, particularmente no âmbito do comércio Sul-Sul;

3. Recomendações

- Remoção dos gargalos de infra-estrutura e logística que comprometem a competitividade do setor exportador;
- Robustecimento das políticas de fomento e apoio ao setor exportador, com destaque para as pequenas e médias empresas;
- Ampliação da ação do BNDES no financiamento das importações de bens de capital brasileiros, bem como no suporte aos programas de expansão das empresas brasileiras no exterior; e
- Aprofundamento das negociações com o governo chinês para garantir reciprocidade e facilitar o acesso dos produtos brasileiros ao mercado chinês.

4. Transações Comerciais do Brasil com o Resto do Mundo

4.1. Panorama do Comércio Mundial: 2000-2008

Este tópico oferece um panorama retrospectivo do comércio mundial no período 2000-2008. Tem como base destaques anuais selecionados a partir da análise de relatórios do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial, das Nações Unidas, da UNCTAD e da OMC.

Após a crise financeira na Ásia (1997), o comércio internacional entrou em declínio durante o período 1998-1999. Todavia, no início de 2000 a economia global encontrava-se em uma trajetória de expansão bem delineada, especialmente nos países em desenvolvimento e nas economias em transição. Esse aumento do Produto Mundial está associado ao significativo incremento no comércio internacional (acima de 10%). Em relação a 1999, os principais aumentos nas importações foram observados nos seguintes países: Estados Unidos (14 %), China (26%), países em desenvolvimento (11%) e países da Zona do Euro (10%) (1). A economia americana respondia à época por cerca de 19% das importações globais. No segundo semestre, o estouro da bolha especulativa - empresas *dotcom*, no mercado de capitais dos Estados Unidos, provocou um declínio nos mercados financeiros do país o que acabou por desacelerar a economia global.

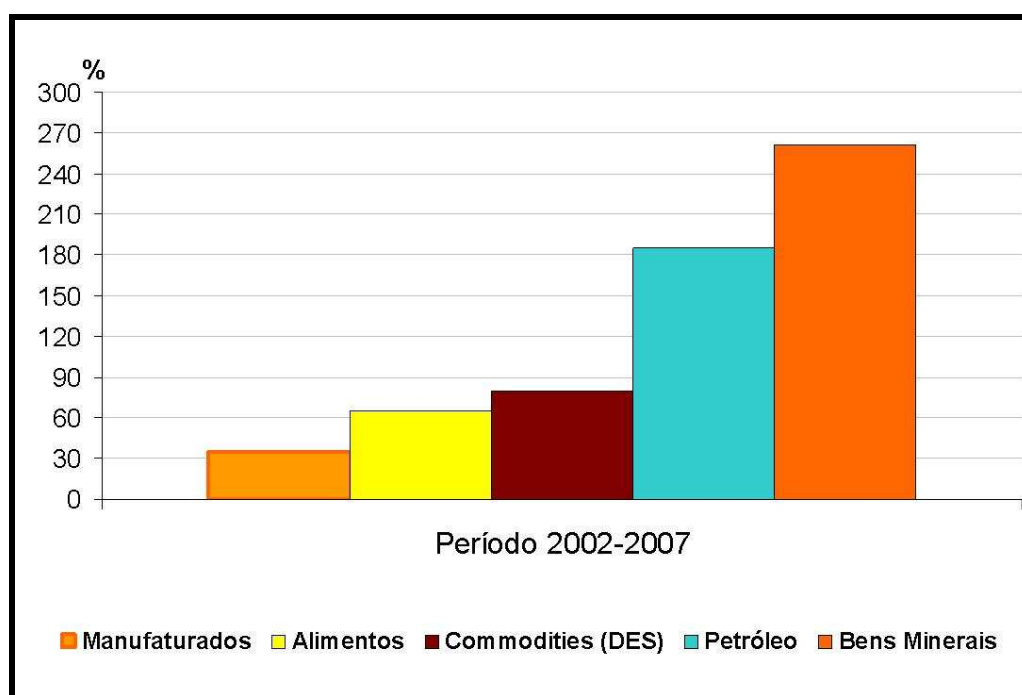
Em 2001, a economia global aproximou-se de um estado recessivo especialmente nos países em desenvolvimento. Os volumes mundiais de exportação e de importação caíram cerca de 1%. Essa forte desaceleração do comércio internacional reduziu as exportações oriundas dos países em desenvolvimento. Após registrar um crescimento de 14% em 2000, as exportações desses países acusaram uma queda de 1% (2). Por outro lado, os acontecimentos de setembro de 2001, nos Estados Unidos, degradaram, ainda mais, as expectativas internacionais e elevaram o grau de incerteza da economia global.

No decorrer de 2002, foram adotadas várias políticas anti-recessivas. Nos Estados Unidos, a redução da taxa de juros, os aumentos dos gastos em defesa e o desempenho dos setores de alta tecnologia ofereceram suporte à recuperação da economia norte-americana e, indiretamente, dos países asiáticos e europeus. O comércio internacional retomou a trajetória de crescimento, especialmente na Ásia e nas economias em transição, com uma taxa anual de 2,0% em termos de volume. Na América Latina, observou-se uma forte contração nos volumes importados (-8,3%) (3). No que diz respeito ao montante global de investimentos externos diretos (IED), refletindo a situação econômica recessiva vigente em 2001, o fluxo caiu para US\$ 651 bilhões. O nível mais baixo desde 1998. Segundo o Banco Mundial, outros fatores que contribuíram para a queda do IED foram o declínio no valor agregado de capitalização nos mercados de capitais e o término do processo de privatização em vários países (4).

Em 2003, em resposta à política econômica mais expansiva dos países industrializados, o PIB Mundial cresceu 3,6% (reais) em relação a 2002. Do lado do comércio, o valor global do comércio internacional de mercadorias (US\$7.300 bilhões) acusou crescimento nominal de 15,5%. Aproximadamente 2/3 desse aumento pode ser atribuído à desvalorização do dólar e ao comportamento dos preços dos bens primários cotados nessa moeda. Em termos de volume, o crescimento foi de 4,9%. Novamente, os países mais dinâmicos foram os asiáticos e as economias em transição. Reagindo ao comportamento dos preços dos bens primários, o valor das exportações da América Latina aumentou 4,5%. Quanto ao valor global do comércio de serviços (US\$1.800 bilhões), o aumento nominal observado foi de 12% (5). Em se tratando dos fluxos globais de IED, o total alcançou US\$ 560 bilhões, acusando uma queda, mais uma vez, desta feita de 14% em relação ao ano anterior. Acrescente-se, que a contração no fluxo de IED para os países desenvolvidos foi ainda superior alcançando 25%. Em 2003, esse fluxo totalizou US\$ 367 bilhões. Nos Estados Unidos, o IED total foi de apenas US\$ 30 bilhões representando uma redução de 53% em relação a 2002. O menor nível no período 1991-2003 (6).

O ano de 2004 ficou caracterizado como um dos períodos de maior crescimento nas últimas décadas. O comércio internacional acusou incremento superior a 10% e ofereceu lastro para o aumento do PIB Mundial ao redor de 5,0%. O suporte principal para esse desempenho foi oferecido pelo comportamento da economia chinesa (8,8%) e, em segundo plano, pelas taxas de crescimento (acima de 4%) observadas nos Estados Unidos e no Japão. Pelo lado dos países em desenvolvimento, as taxas de crescimento alcançaram patamares superiores as médias obtidas durante os anos 80 e 90, cerca de 6,1% em termos agregados (7). Entre esses países, cabe destacar a Rússia (8,0%) e a Índia (6,0%). Merece registro, o fato de que, em 2004, pela primeira vez na história, a recuperação da economia dos países em desenvolvimento precedeu à recuperação nos países mais desenvolvidos. Mesmo excluindo-se a influência da China, Rússia e Índia, a economia dos países em desenvolvimento apresentou um crescimento na vizinhança de 5%. Nesse contexto, o valor global do comércio de mercadorias alcançou US\$8.800 bilhões com uma taxa de crescimento nominal de 22,5%. Desse patamar, 13% é decorrência do aumento no volume transacionado e 9,5% pode ser atribuído ao aumento dos preços denominados em dólar. A influência desse vetor foi muito expressiva ao longo do período 2002-2008. A Ilustração 1 retrata a magnitude dos aumentos nos preços (correntes) de produtos selecionados. No que concerne ao comércio de serviços, a taxa de crescimento foi de 16% e o montante transacionado de US\$2.100 bilhões (8).

AUMENTOS NOS PREÇOS DAS MERCADORIAS
AUMENTO PERCENTUAL
ILUSTRAÇÃO 1



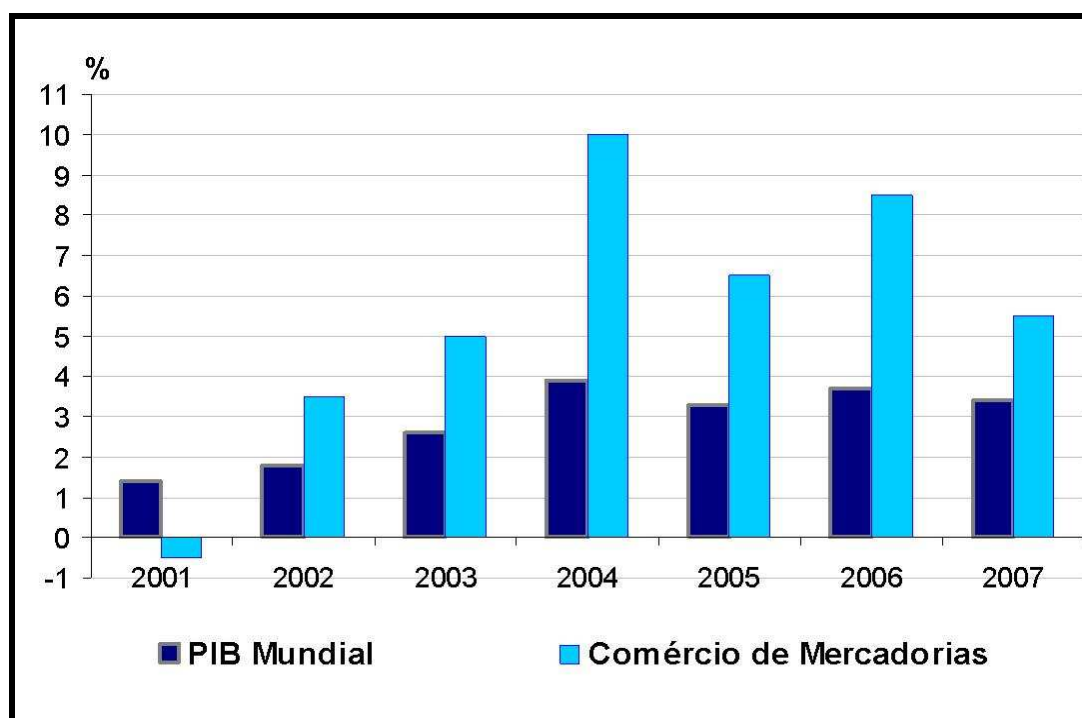
Fonte: UNCTAD

Em 2005, em decorrência da desaceleração observada nos países industrializados no segundo semestre de 2004, o PIB global cresceu 4,5%. Entre os países em desenvolvimento, o PIB manteve o crescimento expressivo apresentado no ano anterior com destaque para China (9%) e Índia (7%). O comércio internacional também apresentou desaceleração. O valor das exportações mundiais de mercadorias cresceu (nominalmente) 13% e ultrapassou a marca de US\$10 trilhões. Por sua vez, o valor das exportações de serviços alcançou US\$2,4 trilhões com crescimento (nominal) de 11% (9). Segundo o FMI, o período 2003-2005 pode ser caracterizado como o de melhor desempenho para a economia global, desde o começo dos anos 70, pelo critério de paridade de poder de compra do câmbio (PPC).

Em 2006, a taxa de crescimento do PIB Mundial foi de 5,1%. De um modo geral, o processo de crescimento foi relativamente bem distribuído. Entre os países desenvolvidos, os indicadores de crescimento estiveram ao redor de: 3,4% nos EUA, 2,4% na UE e 2,7% no Japão. Para os mercados emergentes, mais dinâmicos por natureza, as taxas de crescimento foram mais elevadas: 8,7% na Ásia; 6,8% na Comunidade de Estados Independentes; 5,8% no Oriente Médio; 5,4% na África; e 5,3% na Europa Central e Oriental (10). As exportações mundiais de mercadorias e de serviços aumentaram 8,5% e 11% respectivamente (11).

Em 2007, a taxa de crescimento do PIB Mundial alcançou 5,2%. No cômputo geral, em que pesem os desequilíbrios observados, o período 2002-2007 ficou caracterizado pela expansão significativa do PIB. Grande parte desse crescimento foi induzido pelo maior dinamismo econômico dos países emergentes – especialmente China, Índia e Rússia – em relação aos países desenvolvidos. A despeito dessas observações, no final do ano, a crise no setor imobiliário dos Estados Unidos acabou por impactar o sistema financeiro do país e, por fim, provocar uma crise financeira global (12). Em relação ao comércio internacional de mercadorias, a queda na demanda oriunda dos países desenvolvidos provocou uma desaceleração na taxa de crescimento. O valor global das exportações de mercadorias aumentou 5,5% e o de serviços 18%. Nesse ano, as exportações de serviços ultrapassaram o patamar de US\$3,3 trilhões (13). A Ilustração 2 apresenta as taxas anuais de crescimento do PIB Mundial e do comércio mundial de mercadorias ao longo do período 2001-2007.

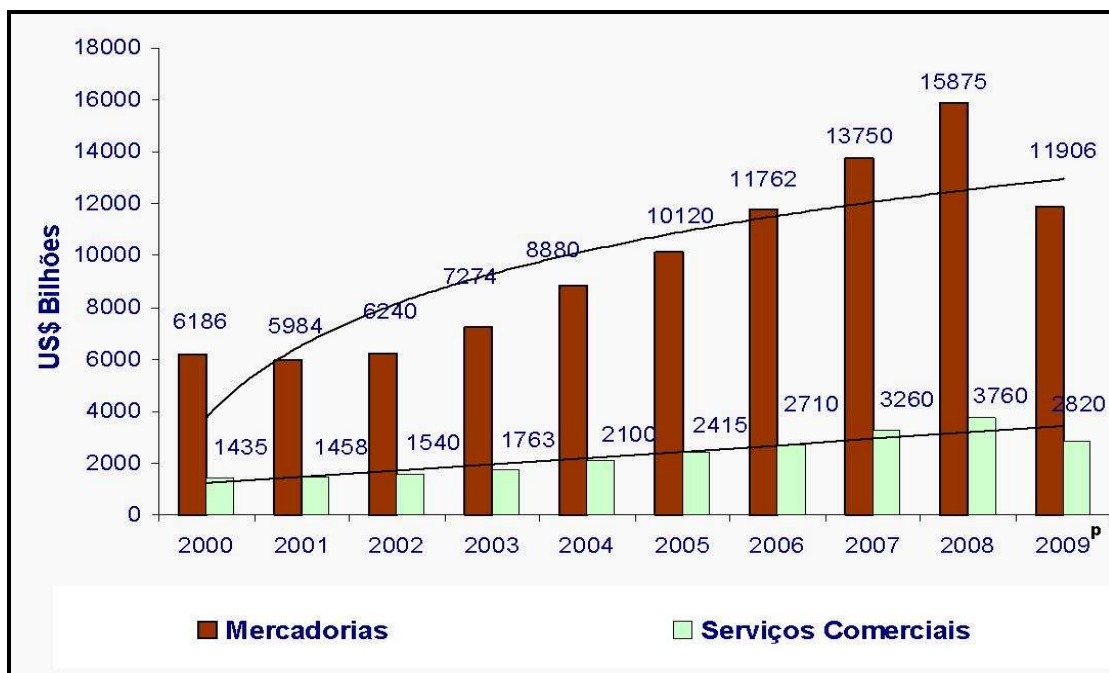
COMPORTAMENTO DO PIB E DO COMÉRCIO MUNDIAL
TAXAS ANUAIS DE CRESCIMENTO
ILUSTRAÇÃO 2



Fonte: Organização Mundial do Comércio

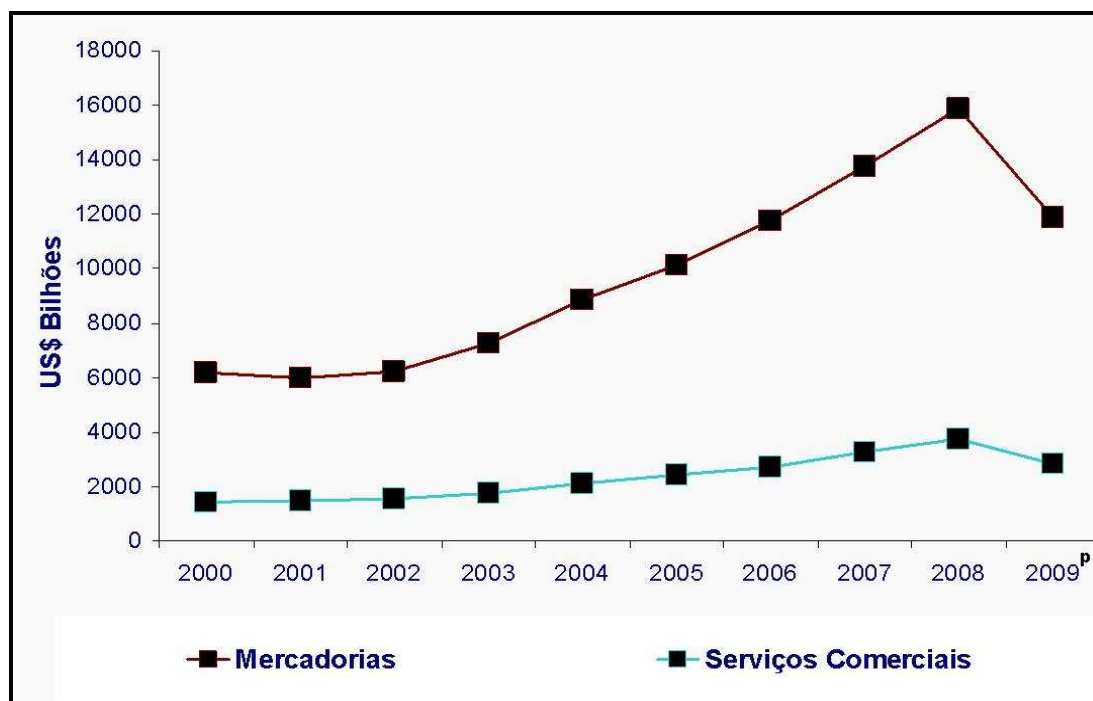
Em 2008, a economia global desacelerou e acusou um crescimento de 3,2%. Ao final de 2008, os principais países desenvolvidos estavam em recessão trazendo como consequência uma desaceleração nas economias dos países em desenvolvimento e nas economias em transição. O consenso é de que se trata da crise financeira e econômica mais severa desde a Grande Depressão com impactos severos nos fluxos de comércio e de IED, entre outros agregados relevantes. As Ilustrações 3 e 4 realçam diferentes ângulos da evolução do comércio global de mercadorias e serviços.

COMÉRCIO DE MERCADORIAS E SERVIÇOS
ILUSTRAÇÃO 3



Fonte: Organização Mundial do Comércio *p - previsão*

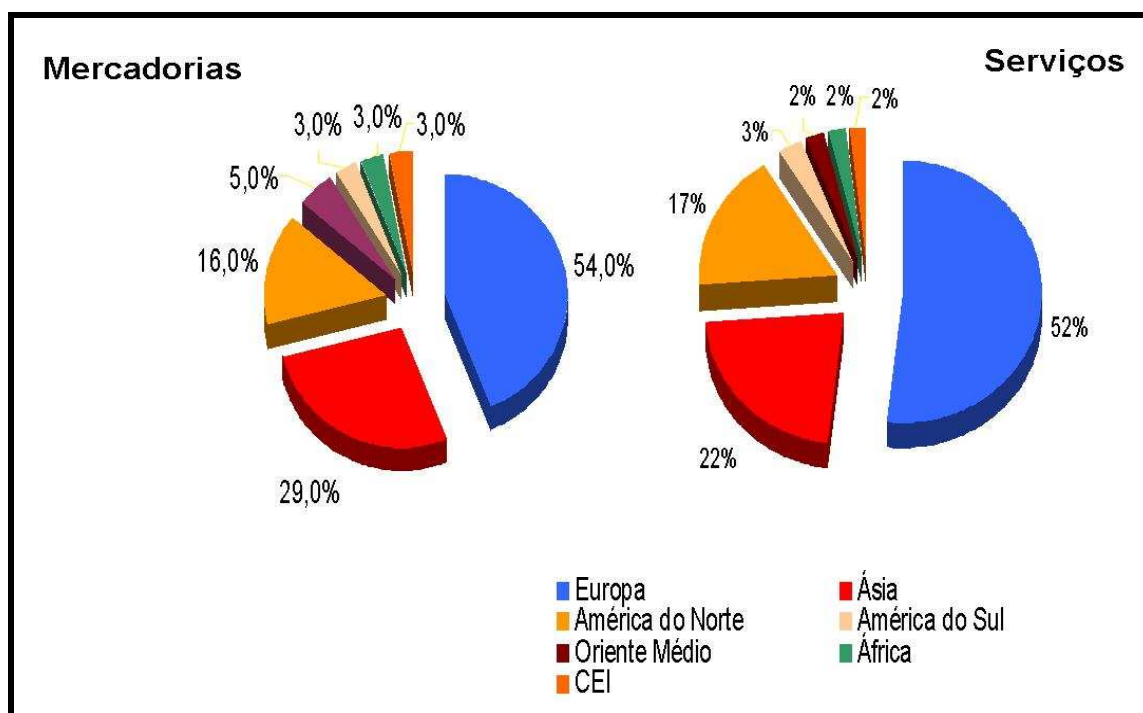
EXPORTAÇÕES MUNDIAIS DE MERCADORIAS E SERVIÇOS
ILUSTRAÇÃO 4



Fonte: Organização Mundial do Comércio *p - previsão*

Na Ilustração 5 tem-se um perfil da participação relativa de cada região nas exportações de mercadorias e serviços.

PERFIL REGIONAL DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS: 2005
ILUSTRAÇÃO 5



Fonte: Organização Mundial do Comércio

A Tabela 1 apresenta as séries dos índices dos volumes exportados e importados, classificadas por grupos de países, ao longo do período 2001-2007.

EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DE MERCADORIAS: 2001-2007
TABELA 1

Discriminação	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Mundo							
Índices de Volume das Exportações de Mercadorias (1)	-1,0	4,5	6,3	11,4	5,2	8,1	5,5
Índices de Volume das Importações de Mercadorias (1)	-1,0	4,2	7,7	12,1	7,0	7,3	5,8
Países Desenvolvidos							
Índices de Volume das Exportações de Mercadorias (1)	-1,0	2,3	3,1	8,4	4,9	7,7	2,8
Índices de Volume das Importações de Mercadorias (1)	-1,0	3,0	5,1	9,0	5,9	5,8	2,3
Comunidade dos Estados Independentes e Sudeste da Europa							
Índices de Volume das Exportações de Mercadorias (1)	5,0	8,8	9,0	12,9	-1,5	10,3	9,2
Índices de Volume das Importações de Mercadorias (1)	17	13,7	21,5	20,1	11,5	21,8	27,3
Países em Desenvolvimento							
Índices de Volume das Exportações de Mercadorias (1)	-1	8,8	12,9	16,7	6,3	9,2	9,3
Índices de Volume das Importações de Mercadorias (1)	-1	6,6	12,9	18,4	8,5	8,9	10,8

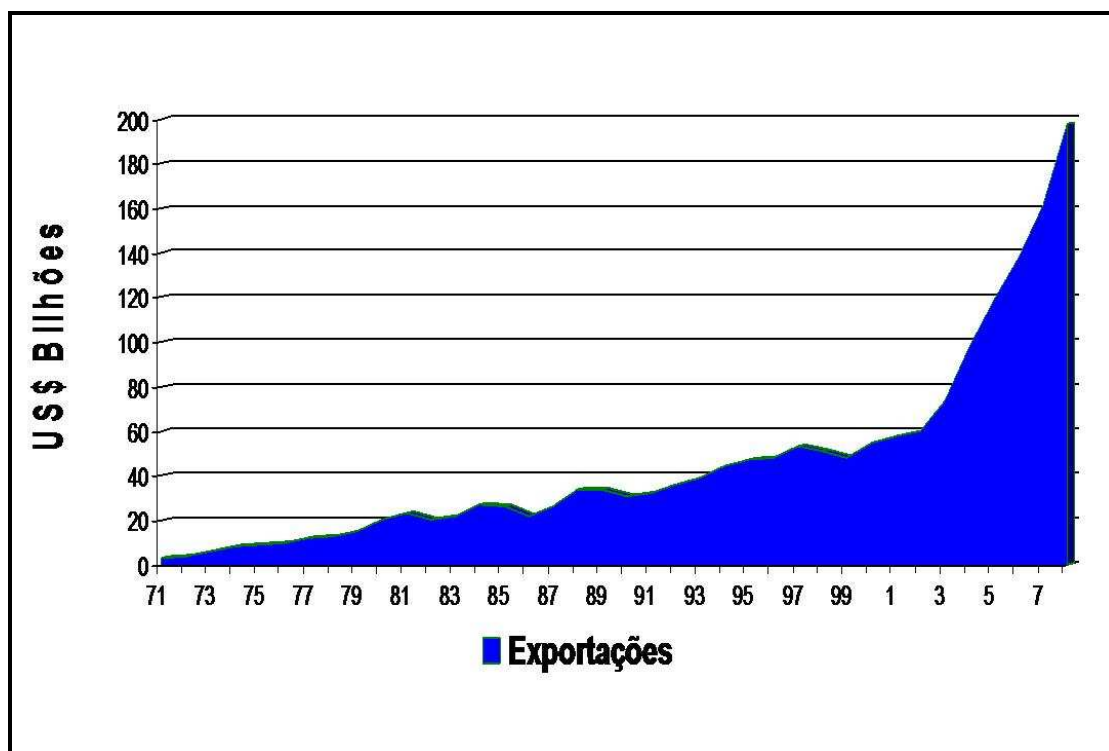
Fonte: UNCTAD/TDR/2008

Nota: (1) Variação percentual sobre o ano anterior

4.2. Panorama das Exportações Brasileiras

No período 1971-2008, as exportações brasileiras apresentaram uma taxa média anual de crescimento ao redor de 11,8%. A Ilustração 6 retrata o comportamento dessa série. Observa-se que os grandes saltos no valor total exportado ocorreram a partir de 1995. Ao longo do período 1999-2008, a taxa média anual de crescimento foi de 17,0%. Caso se restrinja a análise ao período 2002-2008 essa taxa aumenta para 28,1%.

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES: 1971-2008
ILUSTRAÇÃO 6

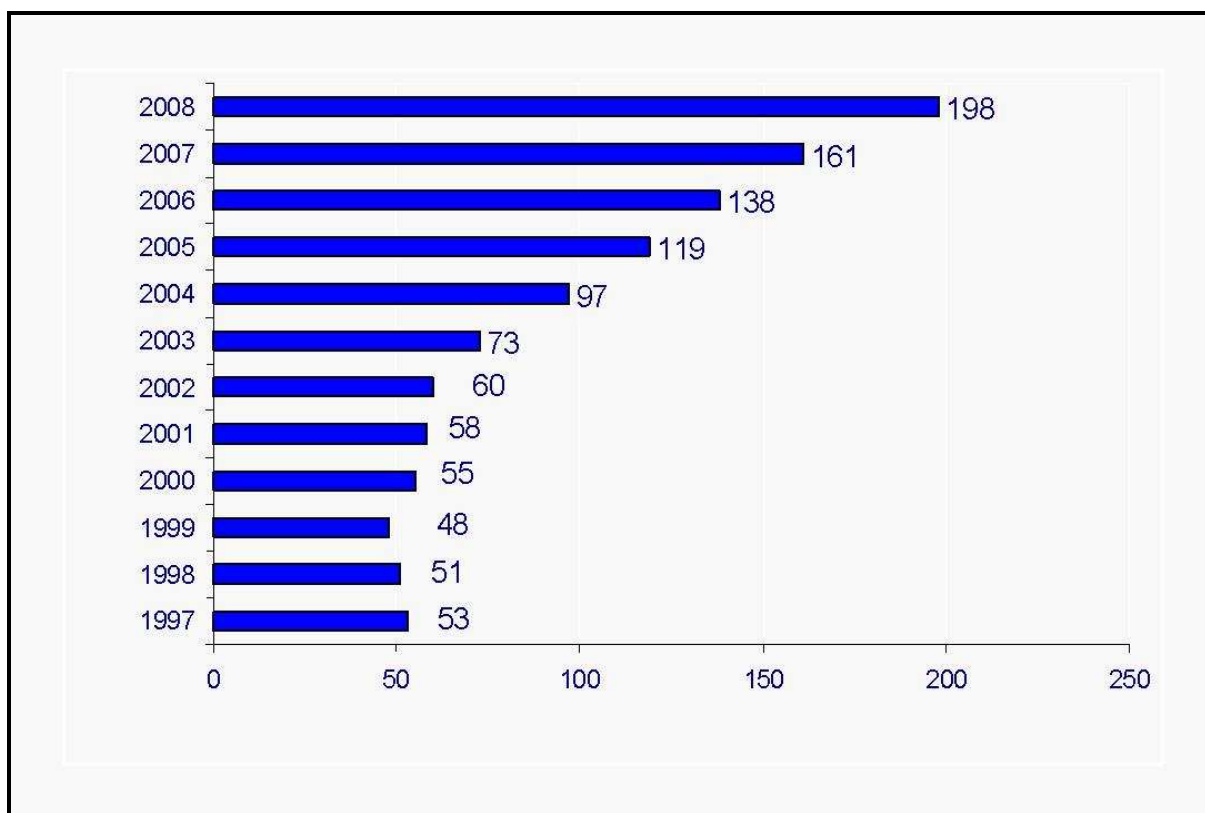


Fonte: SECEX/MDIC

Em 2008, as exportações alcançaram o valor de US\$ 197,9 bilhões representando um crescimento de 23% em relação a 2007. Comparando-se com o montante observado em 1997 o incremento foi de 274%. A Ilustração 7 apresenta o desempenho para o período 1997-2008.

Em termos relativos, a comparação do desempenho das exportações brasileiras no contexto das exportações mundiais indica que, em 2007, o Brasil ocupava a 23ª colocação com uma participação relativa de apenas 1,16%. Registre-se que em relação ao nível de 1997 (0,948%), após uma década, o aumento observado na participação nacional foi de apenas 22%. É reconhecido que esse patamar não reflete o potencial reservado ao País no comércio internacional entre as nações. A análise do desempenho relativo das exportações brasileiras indica que os grandes saltos na participação do País ocorreram a partir de 2003. Nesse particular, coincidindo com o período de crescimento expressivo das economias nacional e global e com o aumento nos preços dos bens minerais. Entre 2002 e 2008, as exportações brasileiras apresentaram maior dinamismo do que o agregado mundial. O crescimento médio anual das exportações brasileiras (28%) foi significativamente superior ao observado nas exportações mundiais (17%).

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES: 1997-2008
ILUSTRAÇÃO 7 US\$ BILHÕES



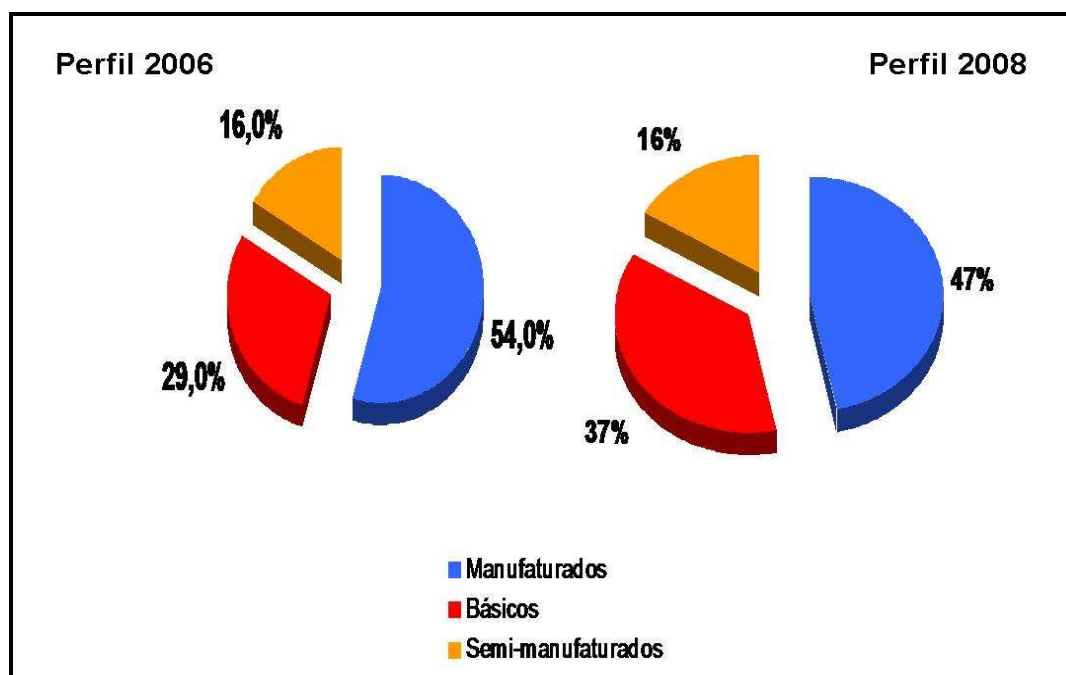
Fonte: SECEX/MDIC

No período 1998-2008, a relação percentual das exportações no PIB duplicou tendo evoluído de aproximadamente 6%, em 1998, para mais de 12% em 2008. Apesar do significativo aumento, a relação ainda é modesta, indicando que a economia do País pode ser classificada uma economia relativamente fechada. Nesse sentido, encerra grande potencial para expansão de suas transações comerciais com o resto do mundo, especialmente quando se considera a dimensão e o crescente dinamismo do seu mercado interno.

A Ilustração 8 apresenta o perfil das exportações por categorias em 2008. Comparando-se com perfil de 2006, o destaque é o aumento na participação relativa dos produtos básicos de 29% para 37% refletindo o comportamento dos preços das matérias-primas. No cômputo geral, as exportações de produtos industrializados responderam em 2006 e 2008, respectivamente, por 70% e 63,0% do total exportado.

Em se tratando dos principais produtos exportados, a Tabela 2 apresenta um perfil selecionado para 2008.

PERFIL DAS EXPORTAÇÕES EM 2008
ILUSTRAÇÃO 8



Fonte: SECEX/MDIC

PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS – 2008
TABELA 2

Produtos Selecionados	Valor	Aumento 2008/07 (%)	Part. (%)
Material de Transporte	27.026	13,2	13,7
Petróleo e Combustíveis	23.047	43,7	11,6
Produtos Metalúrgicos	19.427	20,7	9,8
Minérios	18.727	55,7	9,5
Complexo Soja	17.986	58,0	9,1
Carnes	14.283	28,7	7,2
Produtos Químicos	12.225	12,0	6,2
Máquinas e Equipamentos	9.671	10,9	4,9
Açúcar e Álcool	7.873	19,7	4,0
Equipamentos Elétricos	6.500	13,8	3,3
Papel e Celulose	5.834	23,5	3,0
Café	4.733	22,7	2,4
Subtotal	167.332		84,7
Total	197.900		100

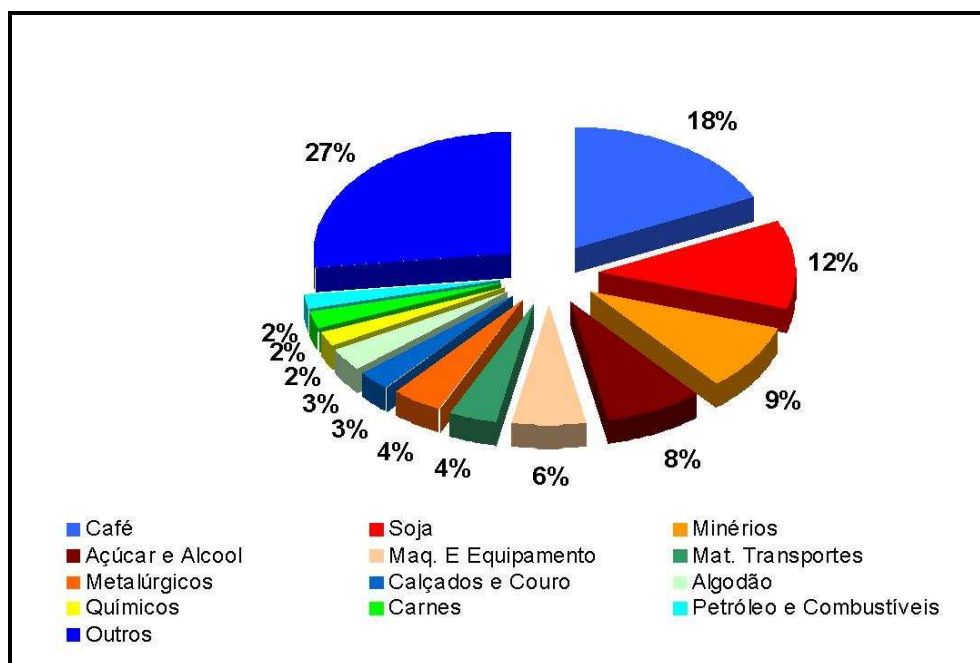
Fontes: SECEX/MDIC; FUNCEX

Unidade: U\$ milhões

As Ilustrações 9 e 10 oferecem os perfis das exportações em nível dos principais produtos, respectivamente, para os períodos de 1971-1980 e 2001-2008. Observa-se que na década de 1971-1980, café (18%), soja (12%), minérios (9%) e açúcar e álcool (8%) responderam por 47% do valor total exportado. O perfil para o período 2001-2008 retrata a transformação expressiva observada na pauta das exportações. Desta feita, os principais destaques foram: materiais de

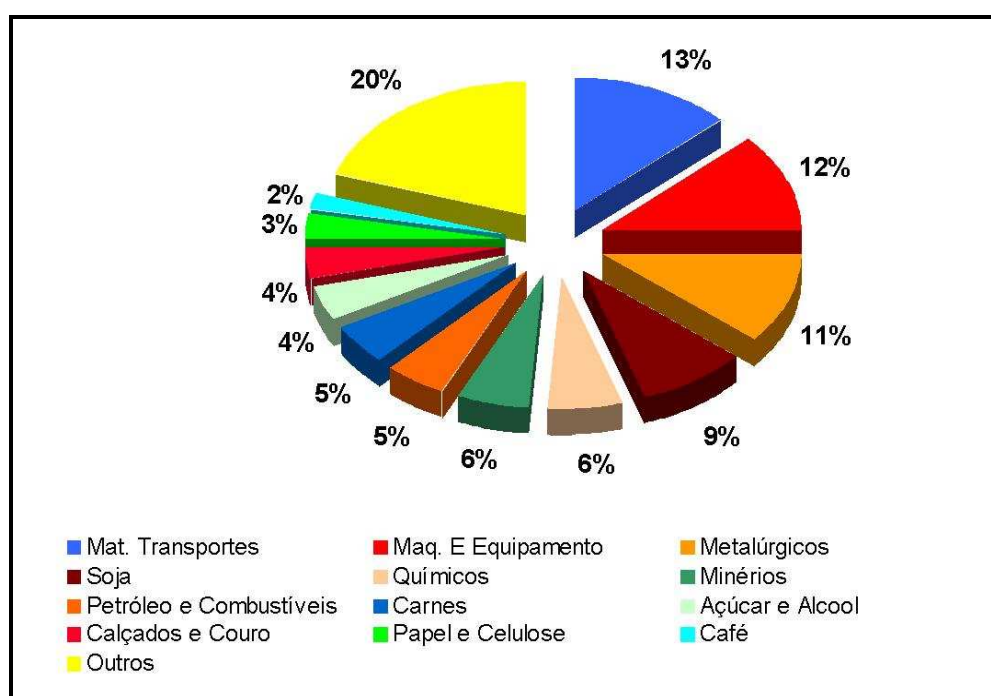
transportes (13%), máquinas e equipamentos (12%), produtos metalúrgicos (11%), soja (9%), produtos químicos (6%), minérios (6%), petróleo e combustíveis (5%) e carnes (5%). Constatase que a participação do café foi reduzida de 18%, na década 1971-1980, para cerca de 2% no período 2001-2008.

PERFIL DAS EXPORTAÇÕES POR PRODUTOS: 1971-1980
ILUSTRAÇÃO 9



Fonte: SECEX/MDIC

PERFIL DAS EXPORTAÇÕES POR PRODUTOS: 2001-2008
ILUSTRAÇÃO 10



Fonte: SECEX/MDIC

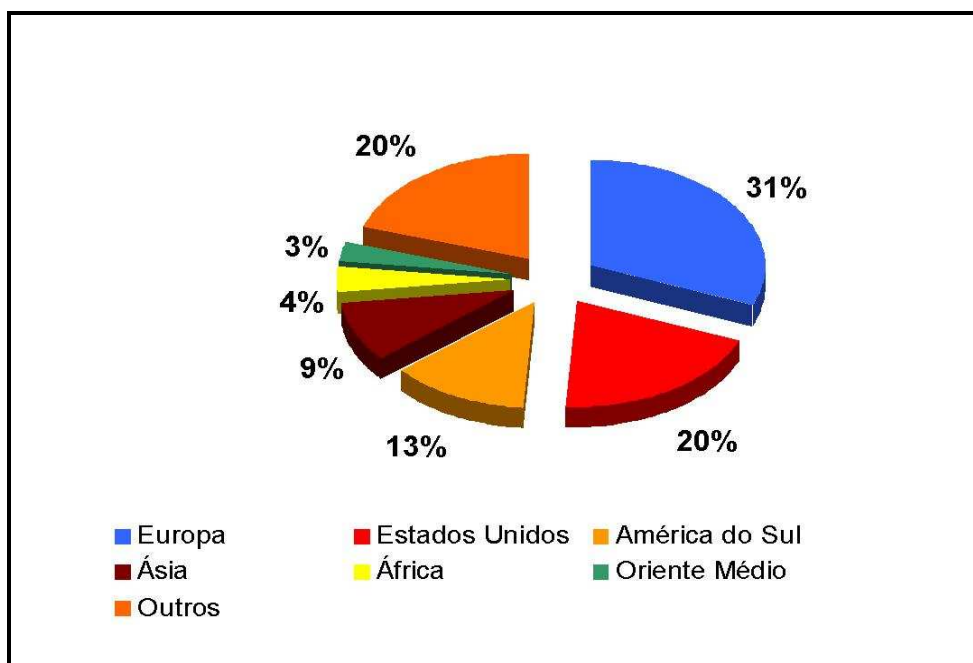
Em função do grande dinamismo observado a partir de 2003, o perfil das exportações em 2008 apresenta significativo descolamento do quadro médio observado ao longo do período 2001-2008. Assim sendo, merecem registro os saltos expressivos de: petróleo e combustíveis, produtos metalúrgicos, minérios, soja, carnes e produtos químicos. Esses produtos, conjuntamente, responderam por 67% do total. Por outro lado, destaque-se a queda na participação do segmento de máquinas e equipamentos para 5%.

No que diz respeito aos principais mercados de destino das exportações, os destaques para 2008 estão discriminados a seguir:

- América Latina (inclusive Caribe) – 25,9%;
 - ✓ América Latina (exceto Mercosul) – 14,9%;
 - ✓ Mercosul - 11,0%;
- União Européia – 23,4%;
- Ásia – 18,9%;
- Estados Unidos – 14,0%;
- África – 5,1%;
- Oriente Médio – 4,1%;
- Europa Oriental – 2,8%.

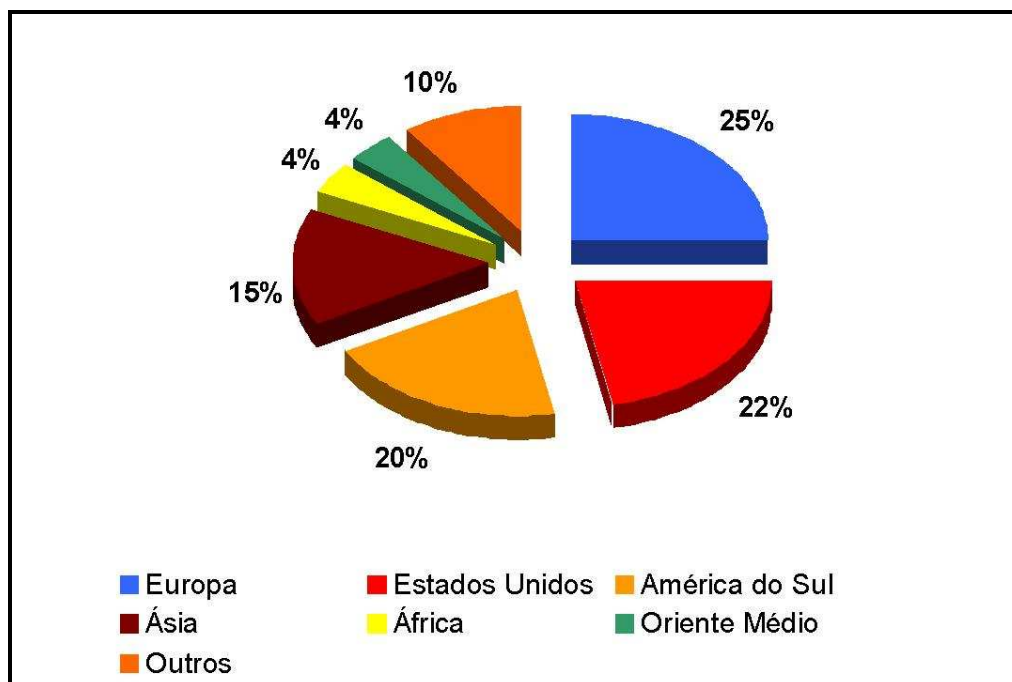
As Ilustrações 11 e 12 oferecem os perfis dos principais mercados ao longo dos períodos de 1971-1980 e 2001-2008. Observa-se a predominância da Europa, Estados Unidos e América do Sul.

PERFIL DAS EXPORTAÇÕES POR REGIÕES: 1971-1980
ILUSTRAÇÃO 11



Fonte: SECEX/MDIC

PERFIL DAS EXPORTAÇÕES REGIÕES: 2001-2008
ILUSTRAÇÃO 12



Fonte: SECEX/MDIC

Em nível de países, a Tabela 3 destaca os principais destinos.

PRINCIPAIS PAÍSES COMPRADORES: 2008
TABELA 3

Países Selecionados	Valor	Aumento 2008/07 (%)	Part. (%)
Estados Unidos	27.648	9,2	14,0
Argentina	17.606	22,1	8,9
China	16.403	52,6	8,3
Países Baixos	10.483	18,6	5,3
Alemanha	8.851	22,7	4,5
Japão	6.115	41,5	3,1
Venezuela	5.150	9,0	2,6
Chile	4.792	12,4	2,4
Itália	4.765	6,8	2,4
Rússia	4.653	24,4	2,4
Bélgica	4.422	13,8	2,2
México	4.281	0,5	2,4
Subtotal	115.169		58,5
Total	197.900		100

Fontes: SECEX/MDIC; FUNCEX

Unidade: U\$ milhões

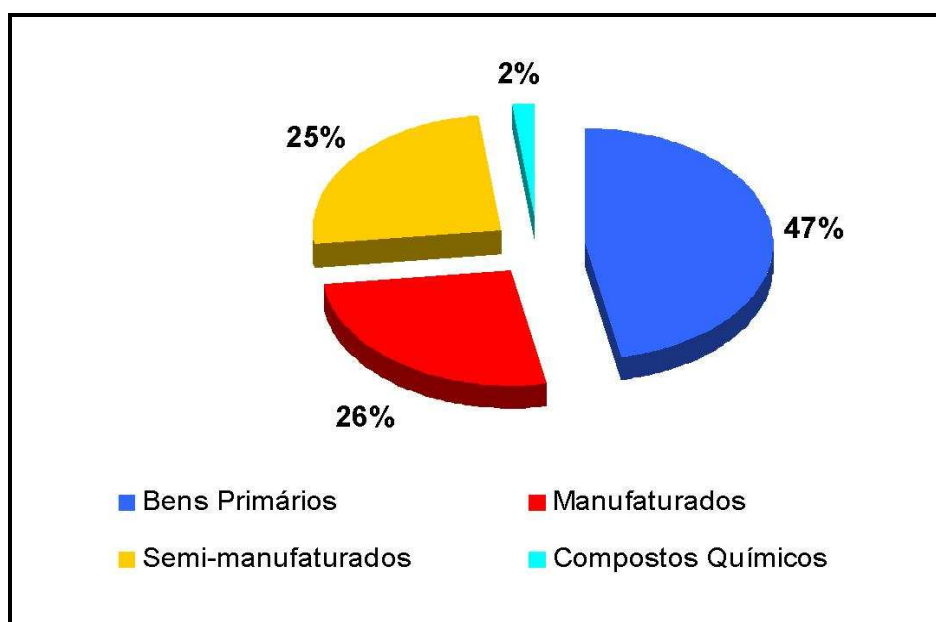
4.3. Exportações de Bens Minerai

Em 2007, as exportações de bens minerai alcançaram US\$ 46,9 bilhões (incluindo petróleo e gás) representando aproximadamente 29% das exportações totais do País. Os principais países importadores foram: Estados Unidos (20%); China (11%); Argentina (5,4%); Japão (5%) e Alemanha (5%). A Ilustração 13 apresenta o perfil das exportações minerai por classes de bens. A Ilustração 14 apresenta a evolução das exportações minerai no período 2001-2007.

Tendo como referência 2007, em nível dos bens minerai primários, os principais produtos foram o minério de ferro e o petróleo que responderam por 47% e 40%, respectivamente, das exportações desse grupo. Outros bens minerai primários de expressão na pauta são: rochas ornamentais, cobre, caulim, bauxita e manganês.

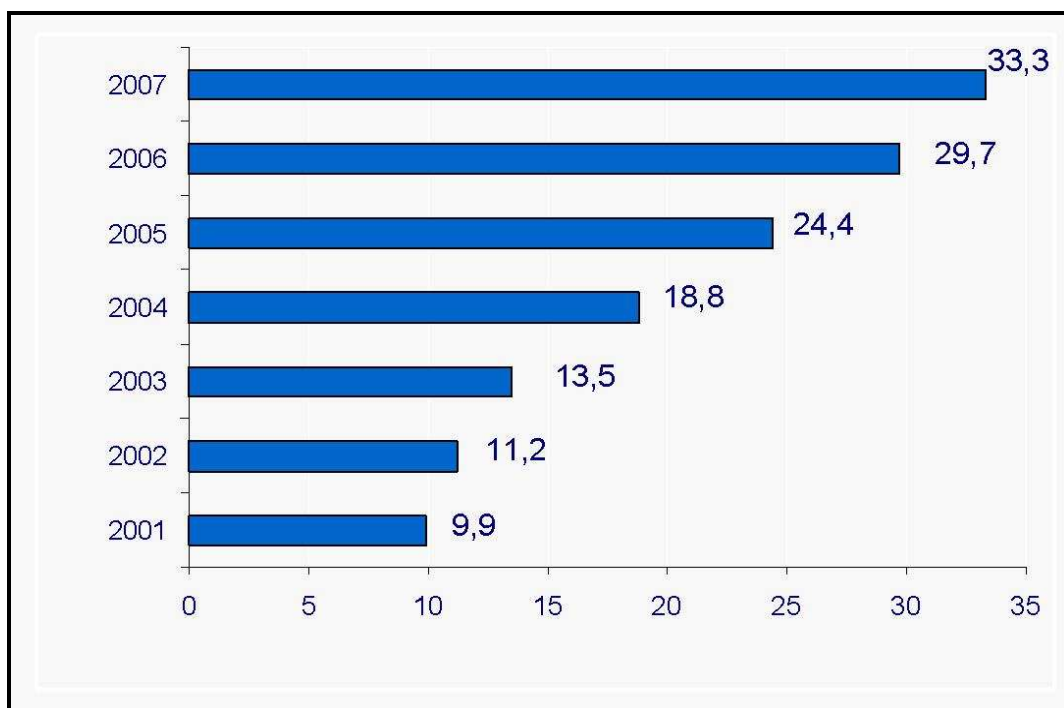
No agregado, entre os países importadores destacam-se: China (21%), Estados Unidos (18%), Alemanha (6%), Chile (6%) e Japão (6%). No plano dos produtos, o minério de ferro é o mais importante das pautas de importação de bens primários dos seguintes países: Japão (91,5%), China (78,3%) e Alemanha (66,2%). No caso do petróleo, os destaques são: Chile (99,6%) e Estados Unidos (77,7%). (20)

PERFIL DAS EXPORTAÇÕES MINERAIS POR CLASSES: 2007
ILUSTRAÇÃO 13



Fonte: DNPM

EXPORTAÇÕES DE BENS MINERAIS: US\$ BILHÕES
ILUSTRAÇÃO 14



Fonte: DNPM

Nota: exclui petróleo e gás natural

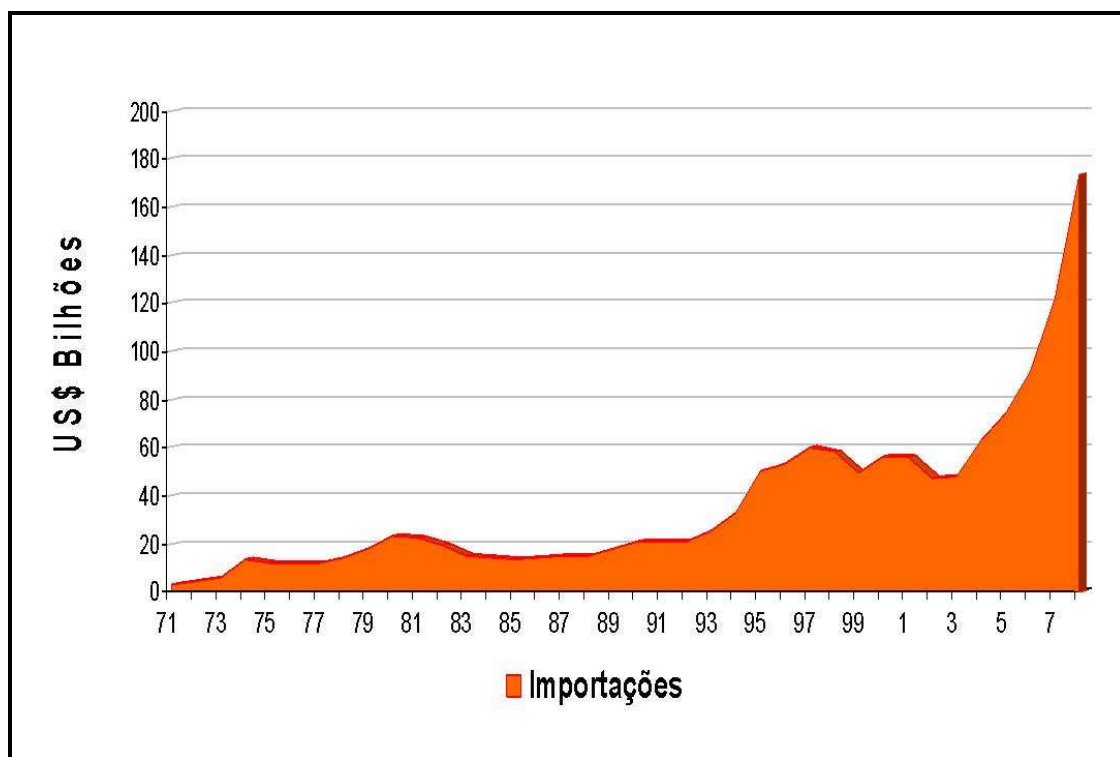
No que concerne às demais classes e tendo como referência o perfil de 2005 (último ano disponível) cabe mencionar (22):

- ✓ Semi-manufaturados - produtos siderúrgicos (53%), bauxita e associados (25%), ouro (6%), nióbio (5%), tântalo (5%), vanádio (5%), níquel (3%);
- ✓ Manufaturados - produtos siderúrgicos (60%), areias industriais (8%), argilas (8%), alumínio (7%) e cobre (4%);
- ✓ Compostos químicos - fosfato (43%), sal (14%), areias industriais (7%), manganês (6%) e calcário (5%).

4.4. Panorama das Importações Brasileiras

No período 1971-2008, as importações brasileiras apresentaram uma taxa média anual de crescimento ao redor de 11,0%. A Ilustração 15 retrata o comportamento dessa série. Observa-se que os grandes saltos no valor total importado ocorreram a partir de 2003. Ao longo do período 1999-2008, a taxa média anual de crescimento foi de 15,0%. Caso se restrinja a análise ao período 2003-2008, a taxa salta para 29,1%.

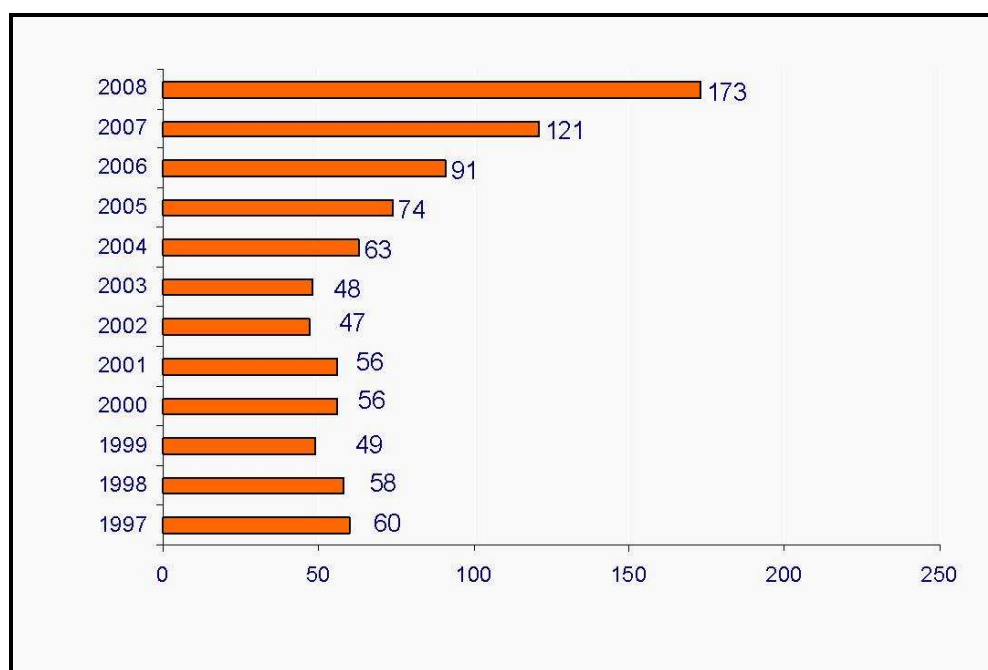
EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES: 1971-2008
ILUSTRAÇÃO 15



Fonte: SECEX/MDIC

Em 2008, as importações alcançaram o valor de US\$ 173,2 bilhões representando um crescimento de 44% em relação a 2007. Comparando-se com o montante importado em 2003, o incremento foi superior a 258%. A Ilustração 16 apresenta o desempenho para o período 1997-2008.

EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES: 1997-2008
ILUSTRAÇÃO 16
US\$ BILHÕES

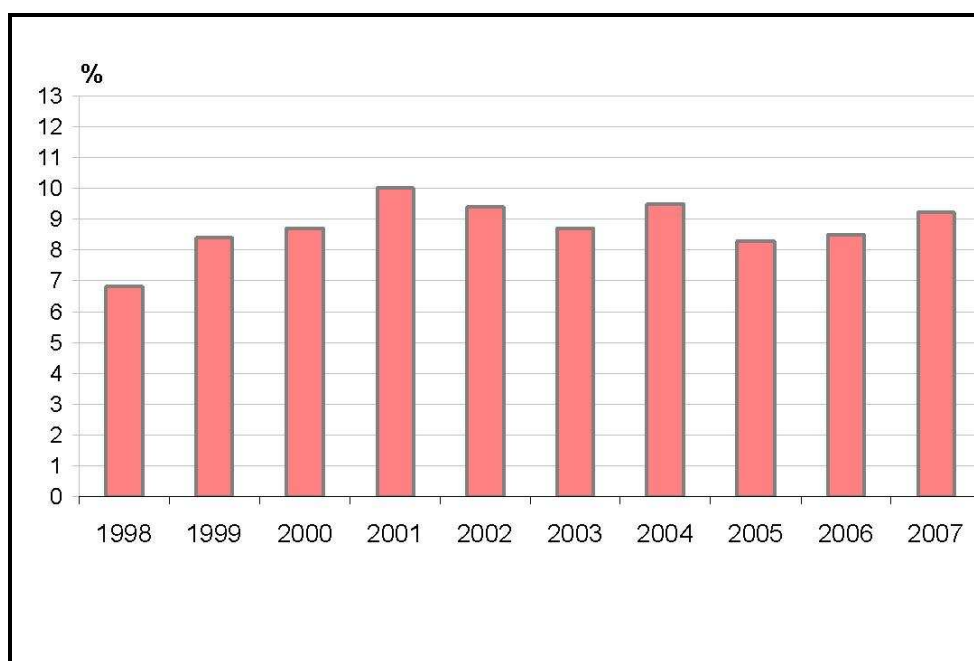


Fonte: SECEX/MDIC

Em termos relativos, a comparação do desempenho das importações brasileiras no contexto das importações mundiais indica que, em 2007, o País ocupava a 27ª colocação com uma participação de apenas 0,89%. Em relação ao nível de 1997 (1,04%), após uma década, registrou-se uma queda de 14,4%. Assim sendo, o valor das importações brasileiras não condiz com a dimensão e com as necessidades potenciais da economia nacional. Registre-se que, no futuro, mantida a tendência atual, o menor dinamismo relativo das importações poderá impor restrições à evolução das exportações.

A análise do desempenho relativo das importações brasileiras indica que, a exemplo das exportações, os grandes saltos ocorreram a partir de 2003. No que diz respeito à participação das importações no PIB, no período 1998-2007 foi constatado algum avanço. O percentual aumentou de aproximadamente 6,8%, em 1998, para 9,2% em 2007. A participação mais elevada (10%) foi registrada em 2001. A Ilustração 17 retrata o comportamento desse indicador.

PARTICIPAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES NO PIB: 1997-2008
ILUSTRAÇÃO 17



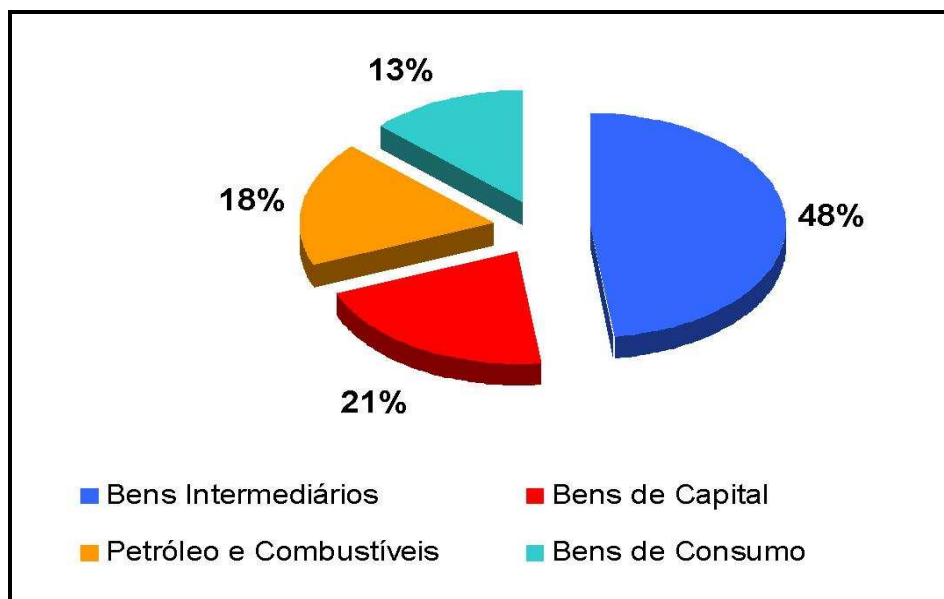
Fonte: SECEX/MDIC

Em sintonia com o indicador observado nas exportações, trata-se de um percentual modesto, corroborando a classificação da economia nacional como relativamente fechada. Nesse sentido, encerra grande potencial para expansão de suas transações comerciais com o resto do mundo, especialmente quando se considera a dimensão e o crescente dinamismo do seu mercado interno.

A Ilustração 18 apresenta o perfil das importações por categorias em 2008. Comparando-se com perfil de 2006, o destaque diz respeito ao salto significativo na participação relativa dos produtos básicos e intermediários que aumentaram de 21% para 48%. A Tabela 4 desagrega as categorias em nível dos principais produtos.

As Ilustrações 19 e 20 apresentam os perfis das importações em nível dos principais produtos, para os períodos de 1971-1980 e 2001-2008, respectivamente. Na década de 1971-1980, combustíveis (27%), máquinas (23%), químicos (15%), metais (11%) e animal e vegetal (9%) responderam por 85% do valor total importado. O perfil para o período 2001-2008 retrata algumas mudanças. Desta feita, os principais destaques foram: máquinas (31%), químicos (21%), combustíveis (16%), material de transportes (7%), e animal e vegetal (9%), com 84%.

PERFIL DAS IMPORTAÇÕES POR CATEGORIAS: 2008
ILUSTRAÇÃO 18



Fonte: SECEX/MDIC

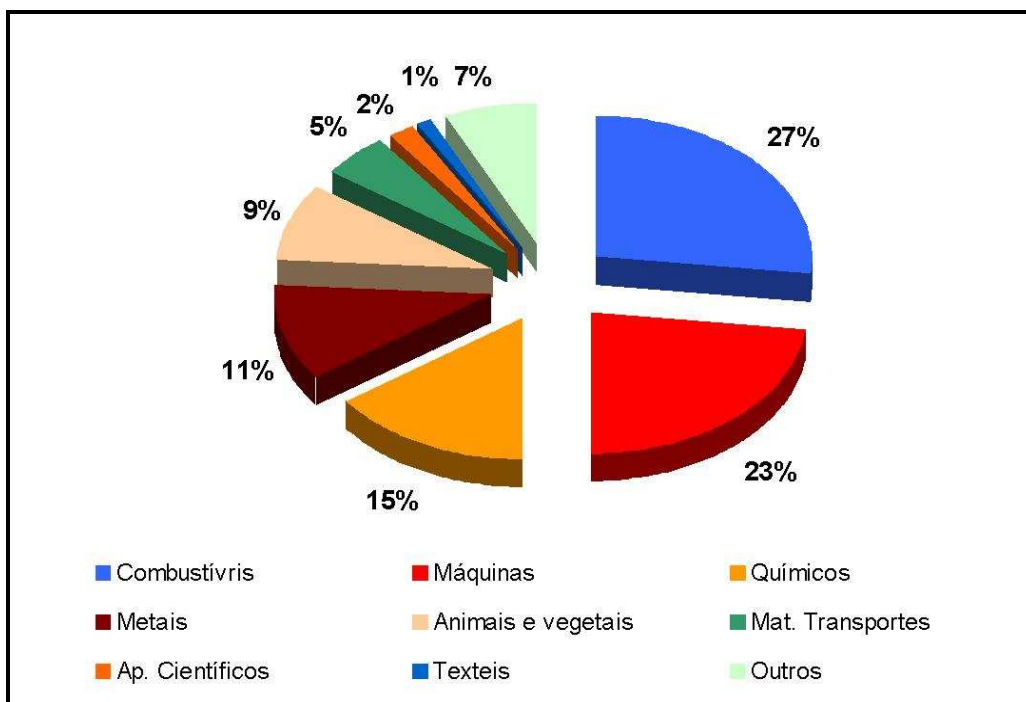
PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS – 2008
TABELA 4

Produtos Selecionados	Valor	Part. (%)
Refino de Petróleo e Petroquímicos	21.035	12,1
Petróleo e Carvão	18.220	10,5
Máquinas e Tratores	15.598	9,0
Equipamentos Eletrônicos	15.403	8,9
Peças e Outros Veículos	14.396	8,3
Produtos Químicos Diversos	12.319	7,1
Elementos Químicos	7.202	4,2
Veículos Automotores	6.447	3,7
Farmacêutica e Perfumaria	5.353	3,1
Siderurgia	4.552	2,6
Metalurgia de Não-Ferrosos	4.303	2,5
Subtotal	124.828	72,0
Total	173.200	100

Fontes: SECEX/MDIC; FUNCEX

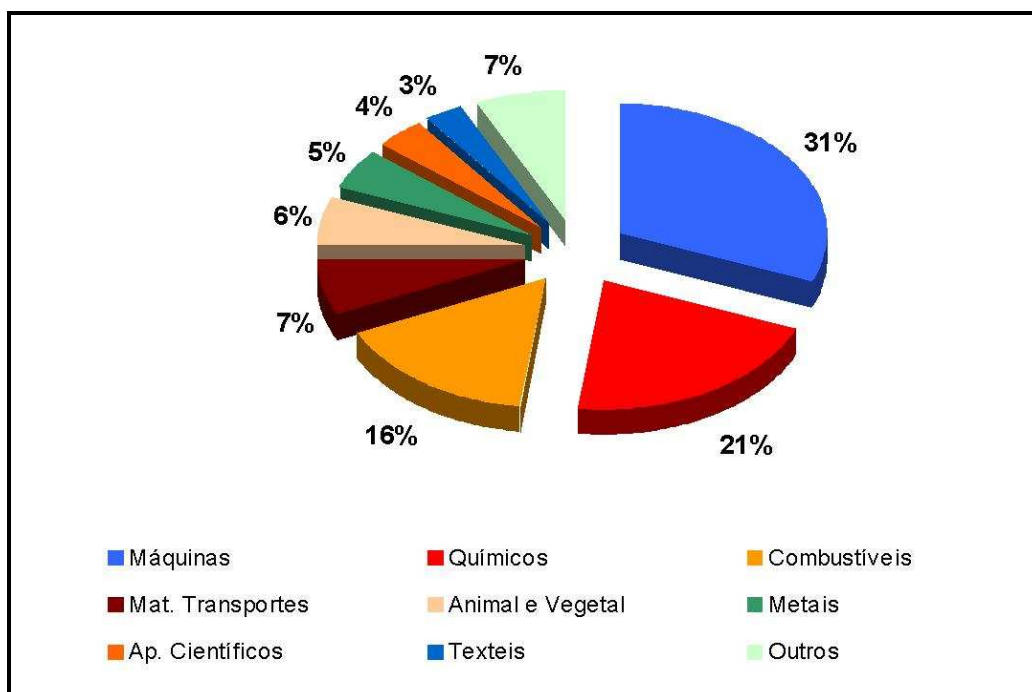
Unidade: U\$ milhões

PERFIL DAS IMPORTAÇÕES POR PRODUTOS: 1971-1980
ILUSTRAÇÃO 19



Fonte: SECEX/MDIC

PERFIL DAS IMPORTAÇÕES POR PRODUTOS: 2001-2008
ILUSTRAÇÃO 20



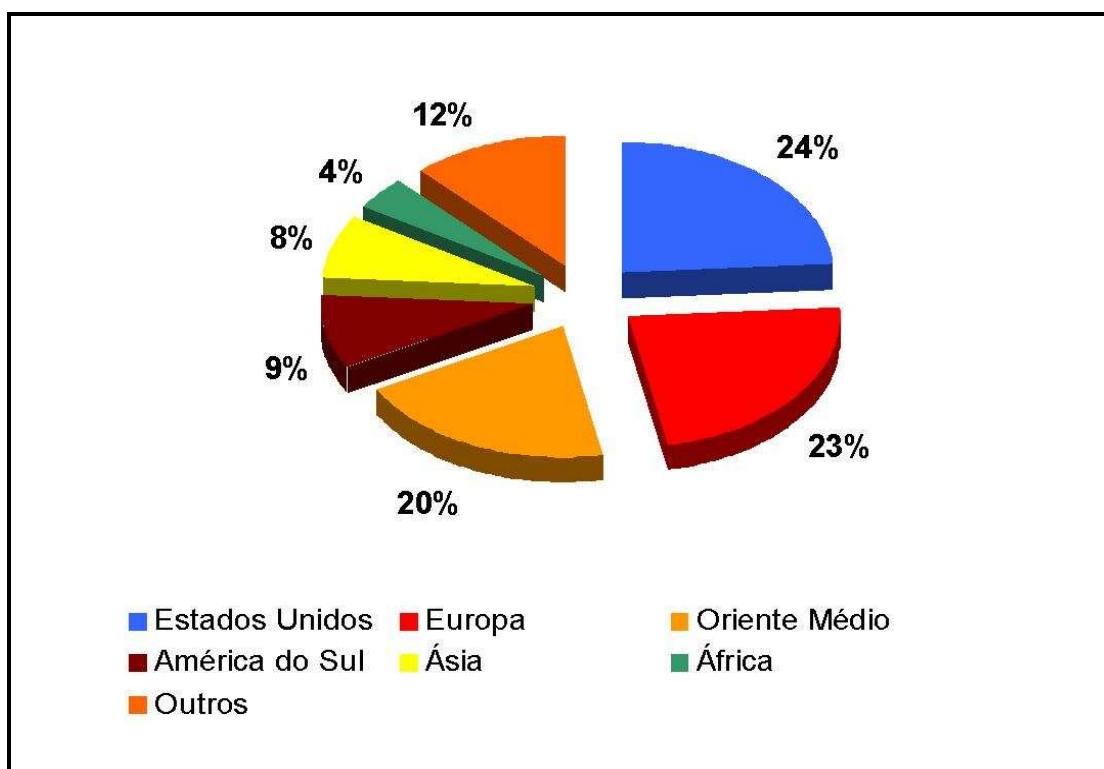
Fonte: SECEX/MDIC

No que concerne aos principais mercados de origem das importações, os destaques para 2008 estão discriminados a seguir:

- Ásia – 27,2%;
- União Européia – 20,9%;
- América Latina (inclusive Caribe) – 16,5%;
 - ✓ Mercosul - 8,6%;
 - ✓ América Latina (exceto Mercosul) – 7,9%;
- Estados Unidos – 14,9%;
- África – 9,1%;
- Oriente Médio – 3,6%; e
- Europa Oriental – 3,1%.

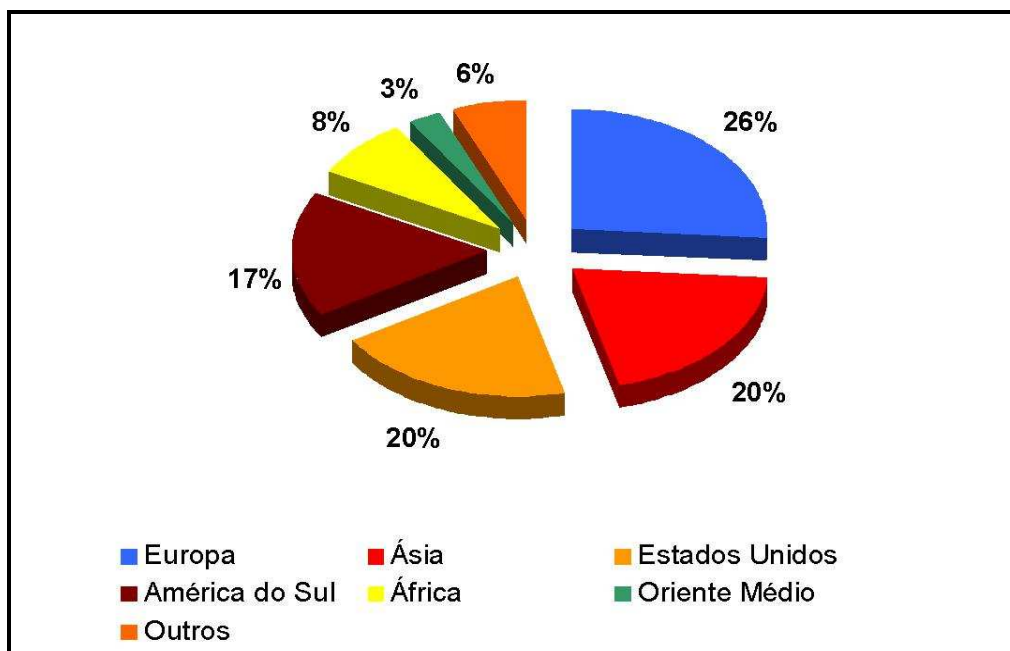
Na seqüência, as Ilustrações 21 e 22 oferecem os perfis regionais para os períodos analisados. No período 1971-1980, Estados Unidos, Europa e Oriente Médio responderam por 67% do total importado. Em 2001-2008, as três primeiras colocações ficaram com a Europa, Ásia e Estados Unidos com uma participação conjunta de 66%. O destaque mais importante é a ascensão da Ásia cuja participação aumentou de 8% para 20%.

PERFIL DAS IMPORTAÇÕES POR REGIÕES: 1971-1980
ILUSTRAÇÃO 21



Fonte: SECEX/MDIC

PERFIL DAS IMPORTAÇÕES POR REGIÕES: 2001-2008
ILUSTRAÇÃO 22



Fonte: SECEX/MDIC

A Tabela 5 apresenta os principais países de origem das importações.

PRINCIPAIS PAÍSES FORNECEDORES: 2008
TABELA 5

Países Selecionados	Valor	Aumento 2008/07 (%)	Part. (%)
Estados Unidos	25.810	36,6	14,9
China	20.040	58,8	11,6
Argentina	13.258	27,4	7,7
Alemanha	12.025	38,7	6,9
Japão	6.807	47,7	3,9
Nigéria	6.706	27,0	3,9
Coréia do Sul	5.412	59,6	3,1
França	4.678	32,7	2,7
Itália	4.612	37,8	2,7
Chile	4.162	20,2	2,4
Índia	3.564	64,3	2,1
Taiwan	3.537	54,8	2,0
Subtotal	110.611		63,9
Total	173.200		100

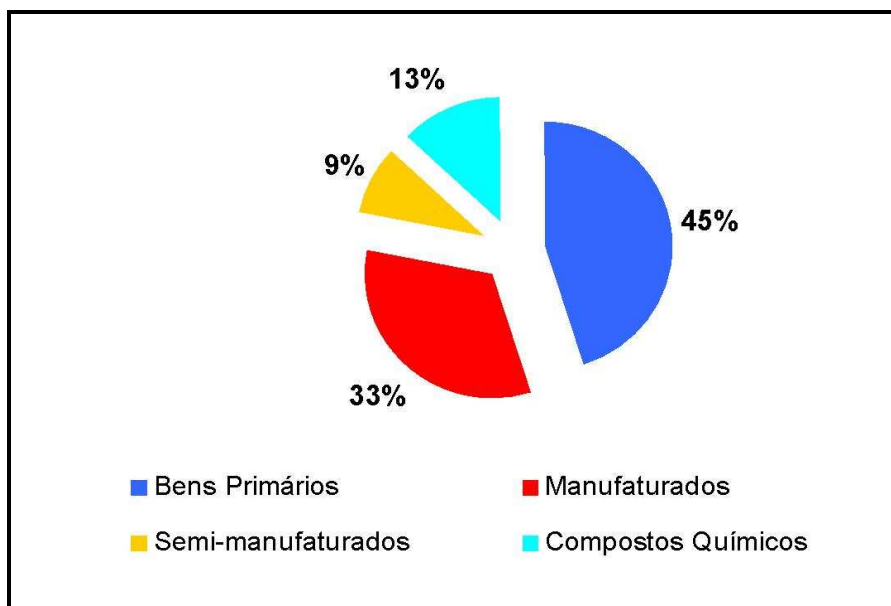
Fontes: SECEX/MDIC; FUNCEX

Unidade: US\$ milhões

4.5. Importações de Bens Minerais

Em 2007, as importações de bens minerais alcançaram US\$ 37,9 bilhões (incluindo petróleo e gás) representando cerca de 31% das importações totais do País. Os principais países fornecedores do Brasil foram: Nigéria (14%); Estados Unidos (8,5%); Chile (7,5%); Argentina (5,4%); Argélia (6%) e Argentina (6%). Das importações minerais, 63% dizem respeito aos minerais energéticos, com destaque para o petróleo responsável por 32% dos gastos totais (20). A Ilustração 23 apresenta o perfil das importações minerais por classes de bens.

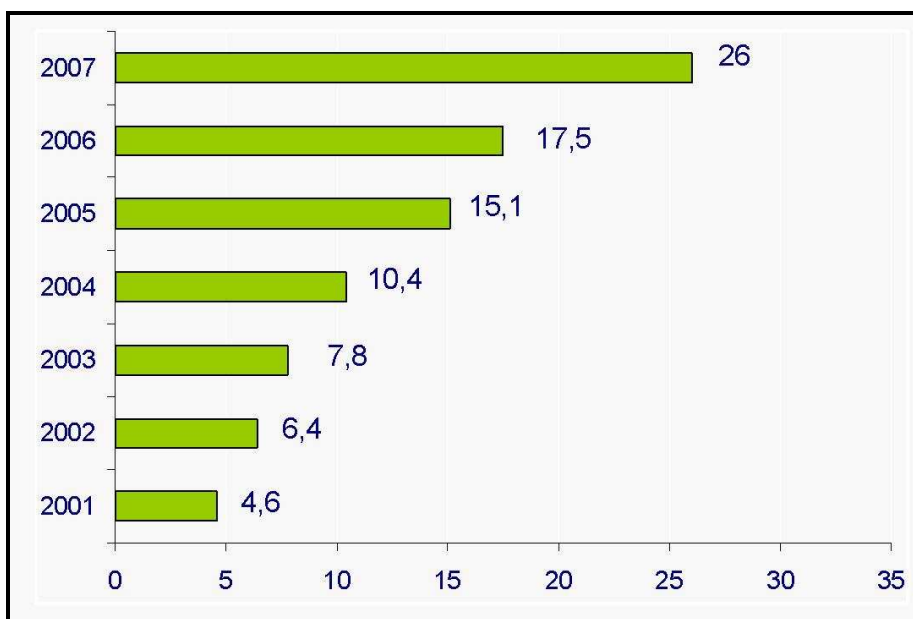
PERFIL DAS IMPORTAÇÕES MINERAIS POR CLASSES
ILUSTRAÇÃO 23 2007



Fonte: DNPM

A Ilustração 24 apresenta a evolução das importações minerais no período 2001-2007, excluindo petróleo e gás natural.

IMPORTAÇÕES DE BENS MINERAIS
ILUSTRAÇÃO 24 US\$ BILHÕES



Fonte: DNPM

Nota: exclui petróleo e gás natural

Além do petróleo, outros bens minerais primários de expressão na pauta de importação são: carvão, potássio, cobre, molibdênio, enxofre, zinco, fosfato e zircônio.

No que concerne às demais classes e tendo como referência o perfil de 2005 (último ano disponível) cabe mencionar (22):

- ✓ Semi-manufaturados - cobre (42%), níquel (8%), platina (7%), bauxita e derivados (7%), chumbo (5%), prata (5%), produtos siderúrgicos (5%) e molibdênio (4%);
- ✓ Manufaturados - produtos siderúrgicos (37%), bauxita e derivados (13%), areias industriais (10%), grafita (3%), argilas (3%), cobre (3%);
- ✓ Compostos químicos - fosfato (48%), sal (19%), titânio (10%), cromo (2%), salitre (potássio) (2%), enxofre (2%) e areias industriais (2%).

5. Tendências do Comércio Internacional

Atualmente vários indicadores sugerem que a recessão tenha chegado ao fundo do poço. De um modo geral, as principais entidades internacionais compartilham da mesma visão. Para o FMI o processo de recuperação deverá ocorrer ao longo do primeiro semestre de 2010. O Banco Mundial tem essa mesma visão para 2010, mas alerta que a velocidade de recuperação é incerta. Espera uma contração ainda maior da economia global em 2009. A estimativa mais recente do BIRD aponta uma queda ao redor de 3%. (25)

A partir dessas considerações, em 2009, o comércio internacional deverá apresentar uma contração pela primeira vez desde 1982. Essa queda será reflexo da redução na demanda agregada global. Do lado financeiro, a volatilidade das taxas de câmbio e a contração no crédito além de afetar os investimentos e os negócios em geral restringiu o fluxo de recursos direcionados ao financiamento das exportações. A UNCTAD (26) estima um recuo no comércio internacional entre 6% e 8% com maior peso na dimensão do valor. Para os países desenvolvidos, a redução esperada é de até 8% e para os países em desenvolvimento e economias em transição está na faixa de 7% a 9%. A queda no comércio abrange todas as regiões e a maioria dos produtos. Nesse contexto, os fluxos comerciais Sul-Sul, que respondem por cerca de 46% do comércio total entre os países em desenvolvimento, também estão sendo afetados, particularmente no âmbito intraregional das relações entre os países asiáticos. Para 2010, em sintonia com o comportamento esperado para o PIB Mundial, o comércio internacional deverá crescer.

Tem-se o consenso de que a massiva injeção de recursos por parte dos governos e a forte redução da taxa de juros estão a impulsionando gradativamente a demanda agregada global. Essa expectativa está apoiada, implicitamente, na visão de um processo de recuperação em forma de “V”. Não obstante, em que pesem os primeiros sinais de uma possível retomada, o processo é considerado ainda muito incipiente, não sustentável e sujeito à risco elevado. No horizonte 2009-2010, dentre os vários fatores que ameaçam a saída da crise, destacam-se:

- A persistente fragilidade do sistema financeiro europeu, tendo em vista que o processo de ajustamento do seu sistema bancário encontra-se bastante atrasado quando comparado ao dos Estados Unidos. Essa descompassos poderia comprometer a recuperação da economia dos países que integram a Zona do Euro;
- A possibilidade de surgimento de um processo inflacionário de significativa intensidade em 2010. A pressão inflacionária seria decorrência da enorme liquidez injetada no sistema econômico global para combater a recessão. Essa ameaça implicaria no aumento das taxas de juros o que poderia abortar a retomada do crescimento e criar uma nova contração. Nesse cenário, o processo de recuperação aproximaria a forma de “W”;

- O expressivo crescimento das dívidas e do déficit público em países como Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha poderão dificultar a rolagem da dívida pública exercendo pressão, também, sobre as taxas de juros;
- O aumento do protecionismo nas relações comerciais, como fruto das altas taxas de desemprego vigentes, poderia frear a expansão do principal vetor de expansão da economia global: o comércio internacional. Nesse contexto, insere-se a possibilidade de conclusão das negociações sobre comércio internacional no âmbito da Rodada de Doha em 2010 e seu inexorável impacto nas relações comerciais; e
- O aumento da instabilidade política, especialmente nos países mais pobres. Há que se considerar que os países pobres e em desenvolvimento serão muito afetados. Vários desses países dependem fundamentalmente de três vetores econômicos básicos que estão em queda acentuada: exportações, remessas de emigrantes e IDE. Segundo o Banco Mundial, o hiato financeiro desses países está estimado em US\$635 bilhões (25).

Direcionando o foco para o médio e o longo prazos, cabe mencionar os seguintes aspectos e tendências do comércio internacional no horizonte de 2030:

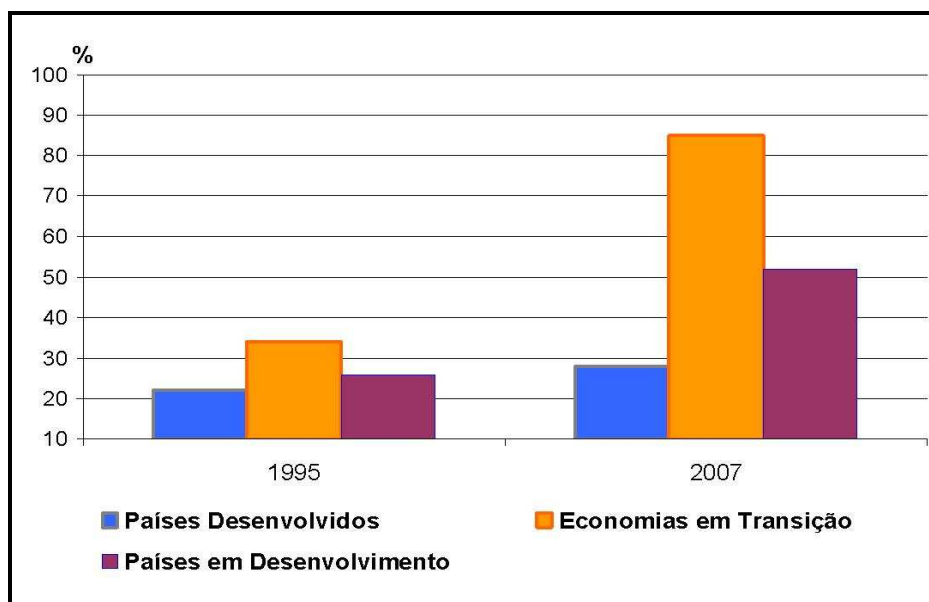
- Mudanças no Sistema Financeiro Internacional – para os próximos anos, antecipa-se a implementação de uma série de medidas de alcance global e nacional nos campos institucional, legal, da regulação, econômico e financeiro objetivando ampliar o monitoramento das transações de sorte a prevenir e mitigar possíveis disfunções do sistema financeiro internacional. No caso dos Estados Unidos, essas iniciativas já estão em curso. Naturalmente, as mudanças previstas no arcabouço sistêmico das relações internacionais oferecerão rebatimentos nos planos nacionais;
- Avanço das negociações internacionais sobre alterações climáticas e controle de emissões;
- Importância do Dólar – existe uma forte expectativa em relação à perda gradual de importância do dólar como moeda de referência internacional tendo em vista sua crescente desvalorização. Essa tendência estaria associada aos seguintes vetores: aumento na taxa de inflação nos Estados Unidos, aumento na taxa de juros, problemática de equacionamento dos déficits do governo e aumento da taxa de poupança nacional, entre outros aspectos. Nesse contexto, a despeito do ceticismo quanto à viabilidade operacional de substituir o dólar como moeda de referência, estão inseridas as discussões acerca da possível substituição do dólar por outras moedas fortes tais como: euro, yuan e Direitos Especiais de Saque (FMI);
- Crescimento demográfico - focando o horizonte de 2030, o Banco Mundial situa o crescimento demográfico como a variável de maior relevância para a economia global. O contingente populacional deverá aumentar 23%, evoluindo de 6,5 bilhões de pessoas para 8,0 bilhões (27). A expectativa da entidade é de que aproximadamente 97% desse incremento ocorram nos países em desenvolvimento. Nos países da União Européia e no Japão é esperado um declínio no contingente populacional. Os incrementos populacionais nos demais países desenvolvidos estarão apoiados fundamentalmente na imigração;
- Fluxo Migratório – a partir de 2007, com o aprofundamento da crise e o aumento do desemprego, foram identificados os primeiros sinais de um possível redirecionamento no fluxo migratório mundial. Mesmo considerando que uma avaliação mais precisa demandará alguns anos de observação, já foi detectada redução no fluxo de imigrantes originários dos países mais pobres, assim como o crescente retorno de migrantes aos seus países de origem. Caso essas tendências venham a se consolidar no médio prazo, poderão impactar de forma expressiva a economia mundial. No plano dos países desenvolvidos, especialmente pela carência potencial de mão-de-obra em vários níveis de qualificação. No âmbito dos países em desenvolvimento, pela queda no fluxo de remessas em divisas recebidas do exterior. A

grande questão que se coloca é se a reversão no fluxo migratório seria transitória apenas, enquanto reflexo da recessão atual, ou se denotaria uma mudança de caráter estrutural. Essa hipótese não pode ser descartada, especialmente quando se considera a trajetória de crescente participação dos países em desenvolvimento na produção e no comércio mundial;

- Crescente Importância dos Países Emergentes - o Banco Mundial acredita que os países em desenvolvimento deverão liderar o processo de crescimento nos próximos anos e aumentar sua participação no Produto Global de 23%, em 2005, para 31%, em 2030. Por sua vez, o Centre for Economics and Business Research (CEBR) estima que a participação dos países desenvolvidos (Estados Unidos, Canadá e Europa) no PIB Mundial deverá cair dos níveis médios observados no período 1995-2004 (entre 60% e 64%) para cerca de 45% em 2012 (28). Assim sendo, espera-se que o fluxo de comércio entre os países em desenvolvimento seja crescente. Os países do grupo dos BRIC e suas respectivas empresas multinacionais terão um papel de destaque;
- Comércio Sul-Sul - um traço marcante do processo de afluência dos países em desenvolvimento é a crescente importância do fluxo Sul-Sul de comércio. O Banco Mundial estima que cerca de um terço do IED total direcionado aos países emergentes é oriundo de países em desenvolvimento. Esse fato reflete, entre outros aspectos, o crescimento dos investimentos intra-regionais e a afluência de empresas multinacionais emergentes. No plano das relações econômicas setoriais, refletindo a dinâmica econômica global, serão intensificados os fluxos de comércio de mercadorias e serviços entre vários países do Hemisfério Sul, inclusive aqueles de vocação mineira, tais como: China, África do Sul, Índia, Brasil, Angola, Moçambique, Chile, Zâmbia, Indonésia, Filipinas e Austrália.
- Multinacionais Emergentes - na dinâmica associada ao aumento do IED proveniente dos países em desenvolvimento, um vetor fundamental é a afluência de multinacionais emergentes. Essas empresas, à semelhança de suas congêneres do hemisfério norte, procuram por novos mercados, recursos naturais, economias de escala e reduções de custo. Segundo o Banco Mundial, no período 1998 a 2005, os investimentos externos diretos (IED) oriundos de nações em desenvolvimento mais que triplicaram. Em 2005, alcançaram um montante ao redor de US\$ 145 bilhões cerca de 17% do fluxo global de IED. Ao longo dos próximos anos, o fluxo de comércio entre os países em desenvolvimento será crescente, assim como a importância das empresas multinacionais oriundas de países, tais como: México, Brasil, China, Índia e Rússia. Na América Latina, destacam-se as empresas brasileiras e mexicanas: Vale, Petrobrás, Votorantim, Gerdau, Cemex e Telmex;
- Consolidação - a reestruturação e consolidação de vários setores industriais e de serviços é um fenômeno global e irreversível. O processo de fusões e aquisições reflete a busca por maior eficiência, visando, simultaneamente, a redução de custos e o aumento da participação de mercado. No setor industrial, a dinâmica tecnológica força a concentração na busca por economias de escala e custos decrescentes. No processo de consolidação observado na indústria de mineração, outros vetores também estão presentes, tais como: acesso a recursos, desconcentração geográfica, acesso a novos mercados etc;
- Inserção dos Países em Desenvolvimento - a crescente integração dos países em desenvolvimento na economia global, assim como o maior dinamismo relativo aumentam o grau de exposição e a vulnerabilidade às flutuações do comércio internacional. A Ilustração 25 apresenta a evolução da relação Exportações/PIB para os países. Observa-se que, no caso dos países em desenvolvimento o indicador duplicou entre 1995 e 2007, alcançando cerca de 52%, em 2007.

- Em nível regional, a América Latina deverá concentrar grande parte dos investimentos externos. Um vetor fundamental dessa atratividade será a maior competição por seus recursos energéticos. Nesse cenário, o potencial nacional e a matriz de recursos energéticos disponíveis coloca o Brasil em posição estratégica. Por outro lado, em se tratando do agronegócios, para países como Brasil e Argentina as perspectivas são bastante favoráveis refletindo o incremento esperado na demanda por grãos, carnes e leite e derivados, entre outros produtos;
- O Fator China - a China aprofundará sua influência em três grandes dimensões: importadora de bens minerais, exportadora de manufaturados e investidora internacional. Dezenas de empresas chinesas (e indianas) ligadas às atividades do mineral-negócio estão em processo acelerado de internacionalização visando explorar oportunidades e garantir fluxos de suprimento. Os modelos estratégicos e negociais seguem, em grande medida, o padrão adotado pelas empresas japonesas durante as décadas de 70 e 80. Nesse processo de expansão, a África e a América do Sul são duas regiões consideradas prioritárias para os chineses. (29)

EVOLUÇÃO DA RELAÇÃO EXPORTAÇÕES / PIB ILUSTRAÇÃO 25



Fonte: UNCTAD 2009

6. Perspectivas das Trocas Comerciais do Brasil com o Resto do Mundo

Segundo estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), a pedido da empresa de consultoria Ernst & Young, em 2030 as exportações brasileiras deverão alcançar US\$ 306 bilhões e o saldo da Balança Comercial cerca de US\$ 42 bilhões. Esse cenário, admite que a liderança da pauta de exportações continuará sendo exercida pelas matérias-primas com destaque para os bens minerais, energia e combustíveis. No cômputo geral, a expectativa é de que a participação brasileira no comércio internacional caia para menos de 1%. Em se tratando dos bens manufaturados, caso as condições de competitividade da indústria nacional sejam incrementadas, a FGV estima que a taxa média anual de crescimento poderá alcançar 2,7% a.a. Na ausência desse aumento, o crescimento anual cairá para 1,8%. Em contrapartida, o crescimento médio estimado para as importações mundiais é de 3,7%. Pelo lado das importações brasileiras, o estudo antecipa uma taxa média anual de crescimento de 5,6% a.a. durante o período.(30)

Face à intensidade da crise, suas incertezas e possíveis desdobramentos, as tendências sugeridas por análises históricas estão sujeitas há uma maior limitação do que o usual, especialmente em se tratando do longo prazo (pós-crise). No pós-crise, a partir de 2010, mudanças estruturais em curso serão aceleradas e outras, ainda não percebidas atualmente, muito provavelmente, irão emergir. Nesse sentido, tendo em vista o horizonte do trabalho, existe uma significativa escassez de informações de natureza quantitativa prospectiva que possa ser utilizada. Quando existente, encerram estimativas que antecedem à crise e partem de premissas e expectativas que, muitas vezes, perderam a validade. Com base nessa realidade, a seguir são discutidas as perspectivas do comércio exterior do Brasil com o Resto do Mundo para o horizonte 2010-2030 em nível de setores selecionados como relevantes e para os quais são disponíveis algumas informações de natureza prospectiva.

6.1. Agronegócio

A influência crescente de fatores como o esgotamento de áreas agricultáveis, o impacto das alterações climáticas, as dificuldades de reposição de estoques de alimentos e o consumo acelerado de grãos criam uma ambiência de mercado muito favorável para o Brasil. Atualmente, a despeito do crescimento da demanda global, estima-se que o nível dos estoques mundiais estariam em cerca de 65% do nível observado em 2000. Do lado da demanda, China, Índia e África irão liderar o aumento. As estimativas apontam elevações expressivas no consumo per capita de óleos vegetais, carnes e leite e seus derivados, produtos para os quais o Brasil reúne vantagens comparativas e competitivas. Por outro lado, registre-se que esses produtos encerram maior valor agregado do que aqueles - cereais, raízes e tubérculos - que lideraram a demanda no período 1950-2000.

No longo prazo, é reconhecido que o Brasil reúne talvez a melhor condição para se beneficiar da tendência de aumento da demanda global por alimentos. Segundo o estudo Projeções para o Agronegócio, realizado pela Assessoria de Gestão Estratégica (AGE) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, as perspectivas para o agronegócio brasileiro no horizonte 2018/2019 são excelentes (31). De acordo com o relatório, os produtos mais dinâmicos deverão ser os seguintes: soja, milho, trigo, carnes, etanol, farelo de soja, óleo de soja e leite. Esses produtos apresentam elevado potencial de crescimento para os próximos anos. Em termos de quantidades exportadas, os maiores incrementos previstos até 2019 serão observados nos seguintes produtos: etanol (154%); leite (98,5%); milho (98,3%); carne bovina (92,8%); carne de frango (82,6%); carne suína (78,2%); soja (41,6%) e óleo de soja (40,2%). A Tabela 6 apresenta estimativa da participação percentual do Brasil no comércio mundial de produtos do agronegócio em 2018.

No que diz respeito ao etanol, a demanda mundial por biocombustíveis deverá crescer a taxas elevadas. Esse crescimento será sustentado pelos esforços direcionados à redução do aquecimento global e pela escassez relativa de petróleo. Nesse contexto, o aumento da demanda será fortemente influenciado pelo comportamento das economias dos países emergentes, assim como pela disseminação de culturas direcionadas à fabricação de biocombustíveis. Nesse particular, a experiência e a tecnologia desenvolvidas no País, que o colocam na liderança da produção a partir da cana-de-açúcar, deverão oferecer lastro à crescente exportação de serviços, de tecnologia e de bens de capital. A despeito desse potencial, quando se considera o horizonte de 2030, emerge como grande desafio à expansão da exportação nacional de etanol, especialmente para os mercados dos países desenvolvidos, a questão da certificação da produção. (32)

AGRONEGÓCIO - PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NO COMÉRCIO GLOBAL
TABELA 6

Produtos Selecionados	2008	2018
Carne Bovina	31,0	60,6
Carne Suína	10,1	21,0
Carne de Aves	44,6	89,7
Soja	36,0	40,0
Óleo de Soja	63,0	73,5
Milho	13,0	21,4
Açúcar	58,4	74,3

Fonte: Ministério da Agricultura

Unidade: %

6.2. Mineral Negócio

A carteira brasileira agregada de projetos minero-industriais, em curso ou previstos é auspiciosa. Segundo pesquisa do IBRAM (33), de julho de 2008, o total dos investimentos previstos até 2012 estava orçado em US\$ 57 bilhões distribuídos entre os seguintes bens minerais: ferro, níquel, alumina, bauxita, alumínio, fosfato, cobre, ouro, agregados, zinco, nióbio e caulim. Ressalte-se que, excetuando os agregados, os demais bens minerais pesquisados são transacionáveis e voltados diretamente à exportação ou à substituição de importações. No último levantamento, relativo a março de 2009 e tendo como horizonte 2013, esse montante foi reduzido em US\$ 10 bilhões, caindo para US\$ 47 bilhões. As maiores reduções absolutas foram observadas no minério de ferro, níquel e alumina que conjuntamente responderam por 89% da redução total.

Em que pese o impacto da crise econômica global, no médio prazo, o estoque dos projetos que estavam em curso ou definidos, mas que foram paralisados ou postergados face à crise, começará a ser resgatado. É bastante provável que a próxima estimativa dos investimentos setoriais legitime a reversão de expectativas a partir de 2010 e aponte um montante de investimentos intermediário.

Focando no longo prazo e agregando à carteira de projetos minero-industriais as dezenas de prospectos em estágios diferenciados de exploração - cujas campanhas foram abandonadas, suspensas ou postergadas - tem-se uma visão da magnitude do potencial de contribuição do setor à Balança Comercial do País. Essa realidade demonstra a inquestionável vocação do País para o mineral-negócio. Naturalmente, somente a consolidação das projeções das exportações potenciais realizadas em nível dos perfis de cada bem mineral poderá aproximar esse agregado.

A despeito de todo o potencial, é inegável que a presença marcante de constrangimentos e restrições fundamentais ao investimento produtivo, conforme se constata ao longo de duas décadas, de ordem tributária, burocrático-administrativa, ambiental e de infra-estrutura e logística, continuará a inibir os investimentos e a provocar um hiato expressivo PIB Mineral frente ao produto potencial, enquanto drena parcela significativa do retorno econômico.

6.3. Petróleo e Derivados

O panorama da petroquímica mundial aponta uma crescente consolidação da capacidade de produção na Ásia (mercado) e no Oriente Médio (matéria-prima) em detrimento dos centros tradicionais de produção: Estados Unidos e da Europa (34). Em se tratando do Brasil, as

perspectivas descortinadas pelas descobertas de petróleo nas camadas do pré-sal deverão posicionar o País como exportador expressivo a partir de 2015. Por outro lado, os inúmeros projetos petroquímicos já definidos ou delineados, quando implantados, deverão impulsionar a inserção do País como exportador desses produtos. Do lado das importações, estudo da Associação Brasileira da Indústria Química (ABIQUIM) indica que a dependência brasileira da nafta importada permanecerá elevada. Com a implantação dos projetos previstos, haverá uma redução na dependência de 30% para cerca de 20% das necessidades nacionais por volta de 2020 (35).

6.4. Indústria Automotiva

Em 2008, a produção brasileira de veículos alcançou 3,22 milhões de unidades alcançando o País à sexta posição entre os maiores produtores mundiais. Ao longo das últimas décadas, a indústria automotiva brasileira adquiriu capacitação e desenvolveu tecnologia na produção de veículos compactos e de baixa potência. Essa especialização explica a maior penetração nos mercados emergentes de perfis similares ao brasileiro. Nesse contexto, as exportações brasileiras encontram-se concentradas (60%) em países da América Latina. No entanto, registre-se que, mesmo nesses mercados, a produção brasileira já enfrenta a concorrência dos produtores asiáticos. Por outro lado, nos países mais desenvolvidos, a aderência às especificações de qualidade e segurança exigidas nesses mercados é mais um obstáculo na sua inserção internacional. Apesar dessas observações, as perspectivas para exportação da indústria parecem bastante promissoras tendo em vista os seguintes aspectos (37):

- ✓ Presença de grandes montadoras no País;
- ✓ Dimensão do mercado interno (efetiva e potencial);
- ✓ Índice médio de nacionalização ao redor de 95%;
- ✓ Gradual consolidação dos centros tecnológicos nos esforços de desenvolvimento e inovação;
- ✓ Desenvolvimento da tecnologia para motores *flex-fuel*;
- ✓ Densa cadeia de fornecedores;
- ✓ Aumento do interesse de outras montadoras (inclusive asiáticas) de se instalar no Brasil. Sob a ótica estratégica, almejam estabelecer uma plataforma para acessar o mercado regional. O mercado interno oferece a escala mínima necessária para o empreendimento. Cabe destacar que algumas dessas iniciativas estão associadas à instalação de grandes complexos integrados minero-industriais. Este é o caso do Complexo do Açú no norte do Estado do Rio que além do setor siderúrgico está atraindo projeto de montadora.

6.5. Exportações de Serviços

As maiores empresas brasileiras de engenharia e de consultoria básica e de detalhamento são reconhecidas internacionalmente na implementação de grandes obras para os setores de mineração, energia, transportes, barragens e infra-estrutura em geral. Várias dessas empresas estão em expansão acelerada em países da América Latina e da África. Ao longo do horizonte de interesse, essa tendência deverá aumentar expressivamente e consolidar-se. Assim sendo, espera-se que as exportações de serviços de engenharia, venham a representar importante vetor para expansão das exportações nacionais de bens de capital, de tecnologia, assim como de outros serviços. Nesse contexto, o crescente engajamento do BNDES no financiamento dos projetos e das iniciativas de expansão das empresas brasileiras no exterior deverá oferecer suporte decisivo ao processo.

6.6. Influência da China

No caminho de expansão do Brasil no comércio internacional, a China configura um vetor dual: uma oportunidade e uma ameaça. Do lado das exportações, a China ocupa a terceira posição como importadora do Brasil. Não obstante, os produtos brasileiros não são relevantes no

mercado chinês. A pauta de exportações brasileiras é caracterizada por poucos produtos e baixo valor agregado: complexo da soja, minério de ferro e produtos siderúrgicos (37). Em termos de potencial, os produtos de maior destaque são a celulose, a aviação (foco regional) e a mineração. Em se tratando dos bens minerais, face à magnitude da dependência externa chinesa, o Brasil tem bom potencial para incrementar sua participação no mercado chinês. Além do minério de ferro e dos produtos siderúrgicos cabe mencionar: nióbio, cromo e rochas ornamentais. Com base nessas considerações, no médio prazo, a China deverá ultrapassar a Argentina e ocupar a segunda posição entre os mercados de destino das exportações brasileiras de bens minerais.

No contexto das importações, a China é o segundo maior fornecedor brasileiro. No mercado doméstico, a competição dos produtos chineses começa a afetar alguns setores da indústria nacional, tais como bens de consumo não durável (confeção, calçados e móveis) e bens de capital. No plano internacional, os exportadores brasileiros enfrentam a forte competição chinesa (preços muito baixos) em mercados tradicionalmente atendidos pelo Brasil. A consequência tendo sido a queda da participação brasileira em mercados como a Argentina (a despeito de integrar o MERCOSUL), os Estados Unidos e o México.

A importância da China nas relações comerciais do Brasil com o Resto do Mundo, seja como importador ou exportador será crescente na medida em que sua participação no PIB Mundial e no comércio internacional aumentarem. Assim sendo, cabe ao governo brasileiro oferecer as condições de competitividade ao produtor nacional no mercado interno e garantir diplomaticamente as condições de reciprocidade e acesso das exportações brasileiras ao mercado chinês.

7. Referências Bibliográficas

- UNCTAD. Trade and Development Report, 2001. Nações Unidas. Genebra. 2001. 178p
- _____. Trade and Development Report, 2002. Nações Unidas. Genebra. 2002. 198p
- _____. Trade and Development Report, 2003. Nações Unidas. Genebra. 2003. 184p
- BANCO MUNDIAL. Global Economic Prospects 2003. Disponível em:
http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/EXTDEC/EXTDECPROSPECTS/GEP_EXT/0,,contentMDK:21021075~menuPK:51087945~pagePK:51087946~piPK:51087916~theSitePK:538110,00.html
- UNCTAD. Trade and Development Report, 2004. Nações Unidas. Genebra. 2004. 188p
- BANCO MUNDIAL. Global Economic Prospects 2004.
_____. Global Economic Prospects 2005. 172p
- UNCTAD. Trade and Development Report, 2005. Nações Unidas. Genebra. 2005. 204p
- _____. Trade and Development Report, 2006. Nações Unidas. Genebra. 2006. 280p
- BANCO MUNDIAL. Global Economic Prospects 2007.98p
- _____. Trade and Development Report, 2007. Nações Unidas. Genebra. 2007. 240p.
- OMC. World Trade Report. Organização Mundial do Comércio. Edições: 2003; 2004; 2005; 2006; 2007; 2008. Disponível em: <http://www.wto.org/index.htm>
- BANCO MUNDIAL. Global Economic Prospects 2008. 224p
- UNCTAD. Trade and Development Report, 2008. Nações Unidas. Genebra. 2008. 234p
- _____. Commodity Price Statistics Online. Disponível em:
<http://www.unctad.org/Templates/Page.asp?intItemID=1889&lang=1>
- _____. UNCTAD Handbook of Statistics Online. Disponível em:
<http://www.unctad.org/Templates/Page.asp?intItemID=1890&lang=1>
- FUNCEX. Boletim de Comércio Exterior. Disponível em:
<http://www.funcex.com.br/bolcomex.asp>
- _____. Boletim Setorial. Disponível em: <http://www.funcex.com.br/bolsetor.asp>
- SECEX. 200 Anos. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <http://www.aprendendoaexportar.gov.br/200anos>
- VANESSA, R. Cardoso. Desempenho da Economia Mineral Brasileira. Sumário 2008. DIDEM. DNPM. Disponível em:
<http://www.dnpm.gov.br/conteudo.asp?IDSecao=68&IDPagina=64>

_____. Ambiente Econômico. Sumário 2007. DIDEM. DNPM.

AMB. Anuário Mineral Brasileiro. DNPM. 2006.

FMI. World Economic Outlook. 2009. Fundo Monetário Internacional.

_____. World Economic Outlook Database. Abril de 2009. Fundo Monetário Internacional.

BANCO MUNDIAL. Global Economic Prospects 2009. Forecast Update. Disponível em:
<http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/NEWS/0,,contentMDK:22209360~menuPK:34463~pagePK:34370~piPK:34424~theSitePK:4607,00.html>. Washington.

UNCTAD. Global economic crisis: implications for trade and development. Trade and Development Board. Trade and Development Commission. First session Geneva, 11–15 May 2009.

NAÇÕES UNIDAS. World Population Prospects: The 2008 Revision Population Database. Disponível em: <http://esa.un.org/unpp/>

CEBR. Centre for Economics and Business Research. The Forecasting Eye. Disponível em: http://www.cebr.com/Newsroom/forecasting_eye.htm

VALE, E. Visão de Futuro da Mineração: horizonte 2015. PROJETO TENDÊNCIAS TECNOLÓGICAS: Geociências e Tecnologia Mineral - Brasil 2015. Capítulo 6. 351-372 pp. Eds. Francisco Fernandes, Adão B. da Luz, Gerson Matos, Zuleica Castilhos. Rio de Janeiro. CETEM/MCT. 2007. 372p. Disponível em:
http://www.bamburra.com/Visao_2015.pdf

RIBEIRO, Bianca. Foco doméstico inibirá exportações até 2030. Valor Econômico. Valor Online. São Paulo. 06/05/2009

AGE. Projeções para o Agronegócio. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em:
<http://www.agricultura.gov.br/pls/portal/url/ITEM/273CEBEFB92771DCE040A8C07502394C>

MILANEZ, Arthur Y.; CAMPELLO, P. de Sá; ROSA, Sérgio E. S. Perspectivas Para o Etanol Brasileiro. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 27, p. 21-38, mar. 2008

IBRAM. Levantamento dos Investimentos. Evolução das Previsões de Investimento do Setor Mineral. Instituto Brasileiro de Mineração. Disponível em: <http://www.ibram.org.br>

BASTOS, Valéria D. Desafios da Petroquímica Brasileira no Cenário Global. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 29, p. 321-358, mar. 2009

ABIQUIM. Anuário da Indústria Química. Associação Brasileira da Indústria Química. Nov. 2007.

_____. Demanda de Matérias-Primas Petroquímicas e Provável Origem Até 2020. São Paulo: Abiquim, GT – Matérias-Primas Petroquímicas/Comissão de Economia. Nov. 2007.

CASOTTI, Bruna P; GOLDENSTEIN. M. Panorama do Setor Automotivo - As Mudanças Estruturais da Indústria e as Perspectivas para o Brasil. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 28, p. 147-188, set. 2008

MDIC. Agenda China: Ações Positivas para as Relações Econômico-Comerciais Sino-Brasileiras. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Disponível em: <http://desenvolvimento.gov.br/agendachina/index.php>

FURTADO, Marco A. T. Economia Mineral Chinesa e sua Influência no Comércio Brasil-China. MME/SGM – FEOP. Relatório Final de Pesquisa. 2009. 444p.

STOLIAR, G. Perspectivas para uma Parceria de Sucesso. Brasil-China no Século XXI. BNDES. Abril, 2004.

NAÇÕES UNIDAS. World Investment Report. 2003; 2004.

_____. World Economic Situation and Prospects 2006.

UNCTAD. Trade and Development Report, 2008. Report by the secretariat of the United Nations Conference on Trade and Development. 234p.

_____. Global economic crisis: implications for trade and development. Trade and Development Board. Trade and Development Commission. First session. Geneva, 11–15 May 2009.